

CONTAR-SE NA FORMAÇÃO INICIAL

NARRATIVAS DE LICENCIANDOS

DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO



ORGANIZADORES

Amarido Menezes Gonzaga
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves
Augusto José Savedra Lima

**CONTAR-SE NA FORMAÇÃO INICIAL:
NARRATIVAS DE LICENCIANDOS DE UM
INSTITUTO FEDERAL**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

C759 Contar-se na formação inicial: narrativas de licenciados de um
instituto federal de educação / Amarildo Menezes Gonzaga
...[et al] ; organizado por, Amarildo Menezes Gonzaga, Carmen
Érica Lima de Campos Gonçalves, Augusto José Savedra Lima. -
Manaus, 2021.
85 p. : il. color.

Modo de Acesso:

<https://flow.page/narrativasdelicenciandos>

ISBN 978-65-88247-24-2

1. Ensino tecnológico. 2. Processo formativo. 3. Trajetórias. I.
Gonçalves, Carmen Érica Lima de Campos. II. Lima, Augusto José
Savedra. III. Freitas, Alisson Carlos Gomes de. IV. Sousa, Lorena
Pereira Cardoso de. V. Ferreira, André Gustavo Farias. VI. Thury,
Alana Matos. VII. Sousa, Maria Izabel Barbosa de. VIII. IFAM.

CDD 370.7

Amarildo Menezes Gonzaga
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves
Augusto José Savedra Lima
(ORGANIZADORES)

Amarildo Menezes Gonzaga
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves
Alisson Carlos Gomes De Freitas
Lorena Pereira Cardoso de Sousa
André Gustavo Farias Ferreira
Alana Matos Thury
Maria Izabel Barbosa de Sousa
Augusto José Savedra Lima
(AUTORES)

CONTAR-SE NA FORMAÇÃO INICIAL: NARRATIVAS DE LICENCIANDOS DE UM INSTITUTO FEDERAL

Prefácio de Caroline Barroncas de Oliveira



**Manaus
2021**

® 2021

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.
Campus Manaus Centro.
Diretoria de Ensino
Av. Sete de Setembro, n. 1.975, Centro, Manaus-Amazonas.
Telefone: (92) 3621-6750 www.cmc.ifam.edu.br

CONTAR-SE NA FORMAÇÃO INICIAL: NARRATIVAS DE LICENCIANDOS DE UM INSTITUTO FEDERAL

ORGANIZADORES:

Amarildo Menezes Gonzaga
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves
Augusto José Savedra Lima

AUTORES:

Amarildo Menezes Gonzaga
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves
Alisson Carlos Gomes De Freitas
Lorena Pereira Cardoso de Sousa
André Gustavo Farias Ferreira
Alana Matos Thury
Maria Izabel Barbosa de Sousa
Augusto José Savedra Lima

Disponibilidade Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria, não sendo permitido uso comercial à terceiros.

Capa:

Michelle Costa de Lima

Normalização bibliográfica:

Márcia Auzier – CRB 11/597

Revisão do texto:

Augusto José Savedra Lima

Sistematização:

Augusto José Savedra Lima
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

Revisão final:

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

ISBN: 978-65-88247-24-2

Ano de Publicação: 2021

Este livro foi composto pelos autores.

SUMÁRIO

PREFÁCIO, 06

Caroline Barroncas de Oliveira

APRESENTAÇÃO, 08

Os Organizadores

1 - A IMPORTÂNCIA DO CONTAR DE SI NO PROCESSO FORMATIVO DE PROFESSORES, 11

Amarildo Menezes Gonzaga

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

Augusto José Savedra Lima

2 - EU, MIGRANTE, TORNANDO-ME PROFESSOR DE MATEMÁTICA, 19

Alisson Carlos Gomes De Freitas

3 - TRAJETÓRIA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA GRADUANDA DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA, 30

Lorena Pereira Cardoso de Sousa

4 - PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE UM PROFESSOR PESQUISADOR A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE O CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, 43

André Gustavo Farias Ferreira

5 - CONSTRUÇÃO DE SONHOS: LAR, FAMÍLIA E PROFISSÃO, 54

Alana Matos Thury

6 - AUTOBIOGRAFIA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA, 62

Maria Izabel Barbosa de Sousa

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA, 79

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

OBRAS CONSULTADAS, 81

LEITURAS RECOMENDADAS, 83

PREFÁCIO

Caroline Barroncas de Oliveira

Idas e vindas...entre uma ida e vários retornos...visitas e revisitas de si mesmo como outros. Sensação de transcendência de um professor fora da pessoa para um olhar e sentir-se professor na pessoa – essa foi a sensação que tive ao ler essa obra. Os autores se colocam a fazer mosaicos, que recuperam, vibram e movimentam vidas.

Nesse ínterim, fui em busca do significado de Mosaico e reafirmei que é uma arte feita com pequenos pedaços de materiais chamados “tesselas”, que são minuciosamente encaixados para formar desenhos. E é o que esta obra apresenta, pedaços/retalhos de formação em vidas de professores ou futuros professores que se descobrem em cada encaixe vivenciado na disciplina “Prática e Pesquisa Pedagógica I” e que pintam uma imagem sem fim de sonhos, de descobertas, de empoderamento profissional e pessoal. Pois, cada desenho iniciado no percurso da disciplina se desdobra em outros encaixes e novos rumos surgem em cada autor e leitor.

A arte de contar histórias, de olhar para si, para o outro e para o contexto da vida, coloca uma tessela no mosaico da formação de professores que forma o horizonte da tomada de consciência das escolhas feitas ao professorar.

Essa escolha em narrar histórias de vida-formação pela obra **“CONTAR-SE NA FORMAÇÃO INICIAL: NARRATIVAS DE LICENCIANDOS DE UM INSTITUTO FEDERAL”** recupera minha esperança em continuar peregrinando rumo a uma (auto)formação que busque a incompletude, a impermanência, as frestas de ressignificações que a vida apresenta que me faz recuperar o fôlego frente a tantas adversidades vividas.

Ao ler a apresentação da obra, os autores se colocaram como atrevidos e audaciosos, mas digo: é preciso mais do que audácia e atrevimento em contar sobre si mesmo, desnudar-se perante outros e a si próprio. É preciso Coragem. Como disse Clarice Lispector¹:

¹ LISPECTOR, C. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1964.

Será preciso coragem para fazer o que vou fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso! Mas é preciso também não ter medo do ridículo, eu sempre preferi o menos ao mais por medo também do ridículo: é que há também o dilaceramento do pudor. Adio a hora de me falar. Por medo? E porque também não tenho uma palavra a dizer (1964, p.54).

Romper com uma postura linear e convencional de uma instituição marcada pelo tecnicismo, não é fácil. Uma vez que historicamente os institutos federais são deturpados em produzir mão de obra técnica para o mercado de forma instrumental do termo.

Mas, movimentos de mudanças pautados em paradigmas emergentes estão fazendo parte do grande mosaico de formação de profissionais deste instituto que faz jus a sua responsabilidade social em formar pessoas em prol de uma sociedade ética, esta obra também encaixa mais uma tessela no mosaico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

Eis aqui professores pesquisadores encorajados de uma potência autoral, movimentando-se por mosaicos que vibram a vida e seus processos formativos de professorar, de se ver professor, de experiências que carregam muito de si e de outros que entrelaçam contextos e singularidades.

Fico por aqui com o desejo de continuar construindo tesselas junto as que me foram possibilitadas na posição de leitora dessa obra. Gratidão pela leitura que movimenta, remexe e cocria outros modos de ver e estar na educação.

Manaus, 25 de março de 2021.

Caroline Barroncas de Oliveira é Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática - REAMEC (UFMT/UEA/UFPA). Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Especialista em Supervisão Educacional e Gestão em Etnodesenvolvimento (Antropologia) pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Graduada em Normal Superior pela UEA. Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior da UEA. Tem experiência na área de Educação em Ciências, com ênfase em formação de professor, atuando principalmente nos seguintes temas: Narrativas, Processos de Autoformação, Educação em Ciências.



APRESENTAÇÃO

Os Organizadores

Convencer professores em formação inicial a contar de si é um exercício audacioso e, também, gratificante, em particular quando o dizer é contar-se na formação inicial, narrar o que se sente a partir de vivências que levaram e levam esses homens e mulheres a sentirem-se professores.

Logo, aqui, contaremos histórias de quem contou suas próprias histórias de formação inicial. Trata-se, de certa forma, de um atrevimento, principalmente, quando nessa empreitada, estamos imbuídos pelos pressupostos que fundamentam a crença do que sustenta o sentir-se um professor pesquisador.

Desse entendimento, afirmamos que as histórias aqui registradas advêm de intencionalidades singulares e com um duplo propósito: levar futuros professores a refletirem sobre como contam de si, assim como contribuir para a legitimação de alternativas formativas para a formação de um professor pesquisador. Frente a isso, acabamos por montar “seis mosaicos”, uma pequena coletânea de histórias peculiares e de grande relevância que são os seis capítulos dessa obra.

O primeiro “mosaico”, A IMPORTÂNCIA DO CONTAR DE SI NO PROCESSO FORMATIVO DE PROFESSORES, contado por Amarildo Menezes Gonzaga, Augusto José Savedra Lima e Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves, é uma chamada para o que o leitor irá encontrar na obra. Procura evidenciar a contextualização da metodologia utilizada para a efetivação do Plano de Ensino da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica, para Cursos de Licenciaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. Destaca-se o contar sua própria história na condição de autor de si, em um processo de reinventar-se e retroalimentar-se, quiçá como base de incentivo a outros professores fazerem o mesmo.

EU, MIGRANTE, TORNANDO-ME PROFESSOR DE MATEMÁTICA, contado por Alisson Carlos Gomes de Freitas, nomeia o segundo “mosaico”. Interessante a

condição singular como ele oferece sua narrativa, quando deixa evidente sua inquietação e o seu amor pelos estudos, quando, em 2016 presta o vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática do IFAM, para atuar na Educação Básica, em instituições públicas ou privadas. O autor também evidencia não querer se limitar a essa conquista, visto que para o futuro, pretende fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu* e, logo após essa jornada, dedicar-se à família, à vida espiritual e ao seu próprio trabalho.

No terceiro “mosaico”, TRAJETÓRIA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA GRADUANDA EM LICENCIATURA DE MATEMÁTICA, Lorena Pereira Cardoso de Sousa conta que escrever sobre si não é tão fácil quanto se imagina. Afirma que navegou nas recordações e percebeu o quanto já vivenciou e aprendeu sobre a sua essência. Ela destaca em na narrativa, o fato de que se entender como o seu próprio objeto de estudo tendeu a deixá-la confusa no primeiro momento de análise sobre o que discorrer, mas avalia que foi justamente nos momentos de indagações que descobriu o verdadeiro sentido da sua *existência-formação*.

PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE UM PROFESSOR PESQUISADOR A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE O CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, o quarto “mosaico”, contado por André Gustavo Farias Ferreira, evidencia que todas as experiências por que o autor passou são importantes para a formação de um futuro profissional pesquisador na Educação, ainda mais pelo fato de estar concluindo sua graduação no IFAM, uma instituição que preza pela formação de professores pesquisadores. Ressalta o autor que as vivências no curso contribuíram significativamente com sua formação, pois desenvolver um projeto de pesquisa, escrever um relatório técnico-científico, apresentar e ser avaliado por uma banca é como se fosse um preparatório para voos maiores, que são o mestrado e o doutorado. André chama atenção, inclusive, para a participação dessa construção pela presença da estagiária, Professora Mestra Carmen Gonçalves, organizadora nessa obra, o que revela um olhar de si no outro, já que eles também já haviam estagiado para docência.

No quinto “mosaico”, CONSTRUÇÃO DE SONHOS: LAR, FAMÍLIA E PROFISSÃO, a narrativa de Alana Matos Thury chama nossa atenção ao destacar que, por três anos, se remeteu a lembranças das aulas de Metodologia, quando era ensinada a trabalhar com as crianças e a produzir materiais didáticos. Foram

momentos muito aproveitados por todos de sua turma, já que foram aulas descontraídas para eles como acadêmicos, segundo afirma. De sua perspectiva, o Estágio também contribuiu muito para que tivesse a oportunidade de atuar junto a crianças e saber o quanto é prazeroso ser professora, bem como pôr em prática tudo o que aprendeu na graduação. A autora mostra-se muito contente, orgulhosa pelas conquistas, por ter adquirido experiências e vivências imprescindíveis para sua vida, aprendizados tão significativos e, principalmente, por tornar-se apta a atuar na área de ensino.

AUTOBIOGRAFIA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA, o sexto “mosaico”. No último capítulo, Maria Izabel Barbosa de Sousa conta que ao longo da disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica 1, conseguiu desenvolver ainda mais sua própria metacognição. Ela passou a monitorar com mais precisão seu processo de leitura e a observar sua capacidade de saber a quais partes do texto deveria dar mais atenção e a quais menos. O interessante é que esse processo se deu desde o início das aulas, sendo que a cada uma delas o professor pedia-lhe que fizesse uma produção textual, uma pequena parte do todo a ser entregue ao final da disciplina. Isso fez com que o texto fosse lapidado ao longo do período letivo, sempre com a orientação do docente Professor Doutor Amarildo Menezes Gonzaga, organizador nessa obra, que corrigia o material e guiava onde seria necessário melhorar, retirar, acrescentar ou detalhar partes do trabalho. Comenta que foi um ciclo fundamental para ela e para os colegas dela, pois o professor passou a eles a sensação de segurança, de mediador para eles, os autores – licenciandos.

Eis essas histórias: contadas por futuros professores que olharam para si mesmos e assumiram a condição de protagonistas de suas ações formativas, nas múltiplas experiências que vivenciaram durante o processo de formação.

O diferente tornou-se o mais importante e o referencial primeiro, que acabou dando sentido para a vida, porque não foi vivenciada a partir de um percurso linear e convencional, mas sim por uma dinâmica pautada em um paradigma emergente, em que a complexidade, enquanto tessitura, fez-se presente.

Ao fim do livro constam as Obras Consultadas que sustentam esse trabalho.

1 A IMPORTÂNCIA DO CONTAR DE SI NO PROCESSO FORMATIVO DE PROFESSORES

*Amarildo Menezes Gonzaga
Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves
Augusto José Savedra Lima*

O contar de si na perspectiva aqui apresentada não é um passatempo ou simples jogo de palavras ao vento. Trata-se da empreitada de autoria, reflexão e ação de si mesmo, onde a narrativa não segue necessariamente um tracejado linear, não tem uma necessidade cartesiana, visto que nela o contar de si é único em seu tempo peculiar, didaticamente, significativo para os interlocutores em episódios de sala de aula. Nesse processo narrativo, centram-se três bases que se completam e são indissociáveis: ontológica, epistemológica e metodológica.

O solo está sempre ali, fértil, precisando de cultivo. Os frutos dos encontros de leitura e discussão evidenciavam esse cultivo em suas singularidades aplicados aos acadêmicos da licenciatura em Matemática e Química; são o reflexo do outro em mim, as interseções de vidas que se cruzam e entrecruzam, demonstrando uma identidade coletiva dos profissionais em formação inicial, o desvelamento desse construir-se profissional de educação.

A relevância dessas narrativas, desse dizer de si, do contar de si, está no processo de autoria, de partilha de reflexão e ação de cada um que trilha esse caminho e experiencia seu percurso. Trata-se, por que não dizer, de uma experiência que se constrói para subsidiar a própria atividade acadêmico-científica e sua agenda, repleta de oportunidades ao conhecimento, à consciência de si como integrante da sociedade.

Trata-se de uma formação de si que se projeta na formação profissional e que faz toda uma diferença formativa e identitária ao traçar uma metodologia que faz uso da autobiografia nos processos formativos de futuros professores. É sentir e participar, é ressignificação problematizada, refletida, pautada, é ciclo que inicia e reinicia no pesquisador e sua relação com o mundo e consigo mesmo.

E o que contar de si? Isso não é estanque, não pode ser delimitado. Isso fluiu no percurso de cada um, como se constata nas narrativas de Alisson, Lorena, André, Alana e Maria Isabel.

1.1 O que quer o contar de si como contribuição formativa?

Quem conta sempre conta alguma coisa para alguém e o exercício desse contar induz o narrador a reconhecer-se em sua própria narrativa, mesmo que o que expresse receba uma autocensura, em poucas ou em largas proporções. Daí esse exercício não ter como ser interpretado na condição de um procedimento linear e sem contribuições do ponto de vista pedagógico, principalmente.

No exercício do contar, centramos nossa atenção nas necessidades e expectativas que contribuem para que tanto o contador/autor quanto os seus respectivos leitores reinventam-se sistemicamente, em um contínuo desafio para se manterem sãos em um mundo adoecido em seus mais distintos segmentos, quando buscam sentido no contado/narrado como uma significativa contribuição no processo de retroalimentação das suas vidas.

Um professor que conta a sua história, inclusive registrando-a, esforça-se para se reinventar sistemicamente, reconhecendo-se na condição de contador e de autor de si, e quando assim o faz, em sua própria reinvenção, retroalimenta sua vida e acaba contribuindo também para reflexão e ação do outro que o tem como referência, encorajando-o a agir da mesma forma.

Por acreditarmos na relevância desse exercício existencial, temos instigado professores e futuros professores a contarem de si, mas não somente para si e pensando em si, mas para contribuírem com futuros professores que decidiram contar suas histórias, aqui conosco.

Ou seja, referimo-nos a um percurso teórico-investigativo experienciado durante a execução da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1, no curso de Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, no qual acadêmicos de outras licenciaturas também estavam matriculados, porém nem todos aderiram ao projeto.

A disciplina mencionada tinha como objetivos: refletir a respeito da relação complementar pesquisa-prática pedagógica, como referencial norteador na formação do professor pesquisador; conhecer os fundamentos caracterizadores da pedagogia como ciência; diferenciar as correntes de pensamento no processo de consolidação do método em investigações no ensino de ciências; e conhecer possibilidades de percursos investigativos na interface ensino de ciências-educação em ciências.

A execução da proposta metodológica em questão foi levada a cabo em dois momentos distintos, delineados no planejamento, respeitando-se as diferenças, anseios e expectativas dos demais alunos, visto que a formação inicial que almejavam ainda é, do ponto de vista da cultura acadêmica, centrada no exercício do culto aos conhecimentos específicos, tendo os conhecimentos pedagógicos como assuntos periféricos e até mesmo desnecessários na formação de um professor Licenciado na área das Ciências Exatas. Quanto aos dois momentos, assim foram distribuídos:

1. A elaboração de um *paper*: Nele foram registradas as reflexões e desdobramentos das distintas vivências, referentes às fases do percurso formativo, na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1. Várias reflexões contribuíram para nortear essa etapa e foram elaboradas durante o próprio processo, conforme os seguintes questionamentos: O que quer o ATO DE PESQUISAR no cotidiano da formação inicial de um professor, considerando os posicionamentos de teóricos? Qual o tratamento dado à NARRATIVA em experiências de pesquisa que você vivenciou? Que sentido é dado à autoria nos seus percursos de produção textual, como pesquisador? Além desses questionamentos, outros foram também elaborados durante o processo, de acordo com as circunstâncias, necessidades e expectativas dos participantes. Para enriquecer os comentários, foram utilizados registros, como trechos de documentos, figuras, rascunhos, desenhos etc.
2. A sistematização do *paper*, conforme uma estrutura padrão, mas que foi negociada previamente. Mais detalhes a respeito desse segundo momento é possível de ser observado nos registros apresentados na próxima unidade, onde constam as narrativas de Alisson, Lorena, André, Alana e Maria Izabel, os futuros professores que decidiram levar a cabo essa empreitada conosco.

1.2 Sobre a Alternativa Metodológica

O fenômeno que aqui buscamos relatar é aquele que emerge a partir das relações estabelecidas e exercidas entre alunos e disciplina, na condição de estar no processo de um curso de Licenciatura, onde a premissa da formação é o cerne da disciplina: aquele que se pretende formar professor-pesquisador em um espaço onde deva emergir na pesquisa científica, sua prática pedagógica.

As narrativas autorais desses acadêmicos, futuros professores, foram construídas em 40h presenciais, além do período de dedicação e construção extraclasse, de uma imersão no conhecimento de si para a formação profissional, mediada pelo conhecimento científico-formativo a partir da pedagogia como ciência, embasada pela pesquisa qualitativa, de base fenomenológica a partir da perspectiva da narrativa autoral.

O que pode ser percebido desse processo naquele semestre, foi uma proxêmica indefinida entre os participantes que guardavam certa reserva no que era convidado a ser um círculo de compartilhamento de leituras e reflexões, acusando ser um comportamento próprio das áreas exatas, diferindo naqueles participantes que já haviam participado de mais atividades docentes, como Estágio Supervisionado ou Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, porém o tempo indicou que eram alunos de inclinação subjetiva à leitura mais reservada ou para produção individual com menor participação no coletivo, ao que eram deixados confortáveis para o nível de interação que aflorasse nas atividades.

Essa polêmica parece ser de fato própria à turma ou à área fim de formação, haja vista que a sinestesia nas interações fluía de maneira muito amigável, com diálogos espontâneos, naturais e de encontros na projeção no texto e na fala do outro para si, convergências que delineavam o perfil de construção geral destes futuros docentes, que poderiam inclusive ser contributivas para análise do próprio Projeto Político-Pedagógico (PPP) das licenciaturas no IFAM e seu impacto social.

Mas essas características, à primeira vista, foram se desdobrando em uma convivência de identificação com nosso próprio percurso formativo, indicando o que acima fora dito: o reflexo do outro em mim cujas reflexões passam para o processo (auto)formativo-investigativo, percebendo aqui e ali caminhos já percorridos, agora revistos com uma óptica ampliada na dimensão epistêmico-metodológica, além da

(auto)formação contínua que percebemos como intrínseca e imbricada no desenvolvimento do eu-professor, azeitado por esses diversos olhares complementares que desvendavam além de si mesmos, aos outros.

Assim nesse momento, convidamos o leitor a se debruçar e observar a construção dessas narrativas nas breves análises que depois seguem, para assim perceber a dimensão que esse percurso de pesquisa tomou para os participantes, assumindo o caráter pedagógico-científico pertinente a licenciandos que inicialmente apontavam as disciplinas da área fim como de maior preponderância em relação às de caráter didático-pedagógico.

Ponderamos que esse comportamento dos acadêmicos quiçá esteja atrelado à aparente dificuldade quanto aos conteúdos teórico metodológicos que subsidiam a pesquisa qualitativa, posto que com o decorrer das leituras dialogadas, os participantes foram construindo maior intimidade com a disciplina; o que foi percebido em suas desenvolvuras ao discorrer sobre os conteúdos, como na atividade proposta de um painel, cujo objetivo era compartilhar entre os pares a verticalidade que partiu da pesquisa científica, passando pela dimensão qualitativa, adentrando a perspectiva fenomenológica até chegar à investigação formativa pelo processo autobiográfico, enquanto via de pesquisa e análise na e para a formação.

Enfatizado no apelo dos alunos por uma disciplina com essa abordagem, a ser oferecida ainda no início do curso, norteando construções investigativas próprias de outras disciplinas inclusive e na construção monográfica do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que na instituição é feito em etapas: a partir de uma carta de intenção no segundo semestre, um projeto no quarto, um artigo no sexto e finalizado no oitavo período com o TCC concluído. Apelo esse já ouvido em turmas anteriores, em várias licenciaturas do IFAM, durante nossa vivência na Instituição.

Salientamos que uma avaliação coletiva da disciplina, no seu encerramento, trouxe falas de admissão da dificuldade do processo de escrita e oralidade quanto à investigação de si, porém a percepção do crescimento adquirido no decorrer das atividades – atribuído à abordagem desenvolvida com a turma, retirando o comportamento defensivo do desconhecido (abordagens de pesquisa, fala em público) – foi notória.

Esse processo de descoberta, construção de conhecimentos, era intencional, era parte prevista na disciplina e inerente à proposta do IFAM de formar professores pesquisadores que investigam sua prática docente à luz dos percursos teórico-metodológicos possíveis, além do lugar-comum que se tornou a percepção de que só é ciência se for cartesiano, positivista, quantitativo, com distanciamento do objeto e inferências baseadas em cálculos que, indiscutivelmente, são úteis em vários campos e setores de estudo, porém não sendo exclusivo por não responder às questões próprias ao que é humano, subjetivo, que não pode ser ignorado em um campo do saber tal qual o é a interface Ensino-Educação, onde se localizam as licenciaturas, ainda que de áreas exatas.

Ainda, imprescindível a esse tipo de jornada investigativa-formativa, é que quem ministre uma disciplina dessas esteja disposto a mergulhar igualmente nela, participando do fenômeno, mesmo que o esteja apenas observando, quase que etnograficamente, interagindo com aqueles que se posicionam como outros espelhos de nós mesmos, na profissão, na formação, no eu e no *eu-professor*. Dito isso, seguimos como a apresentação do plano de ensino utilizado:

Figura 1: Plano de Ensino 2019/01 disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1

 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – AMAZONAS DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO BÁSICA 														
PLANO DE ENSINO – 2019														
1. IDENTIFICAÇÃO:														
PROFESSOR(A):		Amarildo Menezes Gonzaga										SETOR		
CURSO:	Licenciatura em Matemática	DISCIPLINA	Pesquisa e Prática Pedagógica I				SEMESTRE:	1º	ANO:	2019	DAEF			
TITULAÇÃO:		GRADUAÇÃO		ESPECIALIZAÇÃO		MESTRADO	X	DOUTORADO						
REG. DE TRAB.:	x	DE		40 h		20 h	TURNOS:	x	MAT	X	VESP		NOT	
ATUAÇÃO:		ENSINO MÉDIO					ENSINO TÉCNICO	X	ENSINO SUPERIOR					
CH. SEMESTRAL:	40	CH. SEMANAL:	2	PRÉ-REQUISITO:	X	TURMA:	ÚNICA	TURNOS:	V					
2. PERFIL PROFISSIONAL DO CURSO														
O licenciado do IFAM é um profissional capacitado para o exercício do magistério atuando na Educação Básica (5a a 8a séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio), com uma formação sólida na respectiva área. Para isso, deverá primar pelo desenvolvimento da seguinte arquitetura de competências: - Desenvolver estudos extras curriculares, individuais ou em grupo, na busca de soluções para questões individuais e coletivas relacionadas à modalidade de ensino a qual está se formando. - Conhecer e aplicar técnicas básicas de utilização de laboratórios. - Preparar adequadamente a aplicação pedagógica do conhecimento e experiências de ensino na modalidade formativa específica e de áreas afins como educador-pesquisador.														

3. OBJETIVOS: Disciplina/Módulo/Componente Curricular
- Refletir a respeito da relação complementar pesquisa-prática pedagógica, como referencial norteador na formação do professor pesquisador. - Conhecer os fundamentos caracterizadores da pedagogia como ciência. - Diferenciar as correntes de pensamento no processo de consolidação do método em investigações no ensino de ciências. - Conhecer possibilidades de percursos investigativos na interface ensino de ciências – educação em ciências.
4. EMENTA DA DISCIPLINA/MÓDULO
A pedagogia como ciência; Contextos de ciência e pesquisa na formação do professor pesquisador; As correntes de pensamento e as correntes pedagógicas na consolidação do método em investigações na interface ensino de ciências – educação em ciências; O percurso investigativo na interface ensino de ciências – educação em ciências.
5. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
A pedagogia como ciência; Contextos de ciência e pesquisa na formação do professor pesquisador; As correntes de pensamento e as correntes pedagógicas na consolidação do método em investigações na interface ensino de ciências – educação em ciências; O percurso investigativo na interface ensino de ciências – educação em ciências.
6. METODOLOGIA
Dois momentos legitimarão as distintas etapas dessa metodologia: 1 A elaboração de um <i>papper</i>: no qual constará todas as reflexões e desdobramentos das distintas vivências, referentes às fases do percurso formativo, na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I. Várias reflexões contribuirão para nortear essa etapa, que serão elaboradas durante o próprio processo, a saber, seguem os dois primeiros questionamentos, iniciais: . O que quer o ATO DE PESQUISAR no cotidiano da formação inicial de um professor, considerando os posicionamentos de teóricos? . Qual o tratamento dado à NARRATIVA em experiências de pesquisa que você vivenciou? . Que sentido é dado à autoria nos seus percursos de produção textual, como pesquisador? Observação: os demais questionamentos serão elaborados durante o processo, de acordo com as circunstâncias, necessidades e expectativas. Para enriquecer seu comentário, utilize registros, como: trechos de documentos, figuras, rascunhos, desenhos, etc. 2 Produção, final, de um <i>papper</i>, em uma estrutura padrão e conforme as normas, a partir dos registros oriundos do portfólio.
7. AVALIAÇÃO
Acontecerão dois momentos avaliativos determinantes: - O primeiro será contínuo e constante, conforme os desdobramentos do portfólio, de forma que a avaliação acontecerá no processo através do envolvimento dos alunos durante todas as atividades. - O segundo será pontual, e terá como parâmetros as regras preestabelecidas, apresentadas pelo professor.
8. BIBLIOGRAFIA
Básica: DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A Metodologia do Ensino de Ciências. São Paulo: Cortez, 1990. MEKSENAS, P. Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Edições Loyola, 2002. MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa social; teoria, método e criatividade. 13 ed. Petrópolis: RJ; vozes, 1999. MORIN, E. <i>et al.</i> Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. trad. Sandra Trabucco Valenzuela; rev. Técnica de tradução Edgar de Assis Carvalho. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003. TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação (o positivismo, a fenomenologia, o marxismo) – São Paulo: Atlas, 1987.

Fonte: Gonzaga (2019).

Acompanhando o plano acima, o leitor pode situar nossa fala, relacionando-a ao embasamento teórico a partir do qual as atividades foram construídas. Para isso, decidimos por realçar em amarelo no texto dos autores licenciandos as falas que integram o *corpus* da análise, retornando ao leitor para comentar nosso propósito com essa obra.

Na última seção, em nossas CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA, retomaremos ao plano da disciplina e cruzaremos com as inferências realizadas das autobiografias aqui dispostas, quando lhe faremos o convite de retomar a leitura após refletir nossa proposta.

Cabe aqui expor duas notas de antemão ao leitor: a) a exposição segue a devolutiva temporal dos escritos dos licenciandos, assim como a construção da organização da obra e b) as narrativas foram transcritas *ipsis litteris*, o que pode abrir espaço para outra discussão relacionada à formação acadêmica e à escrita científica de graduandos.

Em vista do que dissemos até o momento, restamos desejar a todos uma excelente leitura com pausas para reflexões contextualizadas!

2 EU, MIGRANTE, TORNANDO-ME PROFESSOR DE MATEMÁTICA

*Alisson Carlos Gomes De Freitas
Acadêmico de Licenciatura em Matemática
IFAM – Campus Manaus Centro*

Este texto versa sobre minha trajetória, sobre minha prática e sobre minha pesquisa pedagógica. Para isso, faz-se necessário trazer à baila minha história acadêmica desde o momento que iniciei minha atuação.

Foi feito um histórico da minha educação no ensino de alfabetização, ensino fundamental, médio e superior.

Traz momentos marcantes, como um pouco da minha vida pessoal, o início da minha trajetória acadêmica, mudança de Estado, graduação em Administração e meu atual momento no curso de graduação em Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM. Mas, a finalidade desse texto é explorar o processo da minha prática e da minha pesquisa pedagógica, bem como a definição de professor pesquisador como agente de fomento à pesquisa.

2.1 Descobrindo o Fazer Científico no Cotidiano Acadêmico

Nascido na cidade de Mossoró-RN, no dia 01/01/1982, fui criado numa família simples, constituída por uma dona de casa e um comerciante. Uma coisa que sempre foi levado à sério na minha família trata-se dos estudos. Apesar de todas as dificuldades que a própria região impôs, meus pais sempre se esforçaram para manter meus irmãos e eu na escola.

Na cidade de Mossoró, eu estudei até o final do ensino fundamental, alfabetização, na escola Disneylândia (Figura 1). No ano de 1991, ingressei no Centro Educacional Eduardo Ribeiro, onde permaneci por um ano e, por motivos financeiros e de adaptação, não pude continuar. No ano seguinte, ingressei na Escola Estadual Francisca Botinelly, permanecendo lá até a conclusão do Ensino Fundamental, nos anos 1992-1996.

Figura 1: Ensino de Alfabetização



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019)

Após a conclusão do Ensino Fundamental, prestei o minivestibular para a Escola Técnica Federal do Amazonas – ETFAM, onde concluí o ensino médio em 2000, com habilitação no curso Técnico em Eletrônica. Para comprovar isso segue a Figura 2 que mostra a minha identidade estudantil da época em que cursei o Ensino Médio na ETFAM.

Figura 2: Identidade Estudantil ETFAM



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Cursei o Ensino Médio Técnico em Eletrônica na Escola Técnica Federal do Amazonas – ETFAM nos idos de 1990. Não satisfeito, cursei vários cursos profissionais relacionados àquela especialidade, no SENAI do Amazonas, algo necessário para quem sempre atuou na indústria eletroeletrônica de Manaus. Em meados dos anos 2003, ingressei para na Universidade para o curso de Bacharel em

Administração, onde me formei, pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas – CIESA, o que me habilitou para realizar concurso público para o cargo de Administrador na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, onde sou servidor concursado até o dia de hoje.

Figura 3: Colação de Grau do Curso de Administração



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Mas ainda com uma inquietação minha, pelo amor aos estudos, em 2016, prestei o vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática do IFAM, onde pretendo me formar no ano de 2019 e após outorgado o título, pretendo atuar na Educação Básica, em instituições públicas ou privadas.

Para o futuro, pretendo fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu*, pois já fiz uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Engenharia de Produção. A instituição onde trabalho oferece, anualmente, curso de pós-graduação *stricto sensu* em Engenharia de Produção, área que também atuo. Após essa jornada, que não a tenho por terminada, pretendo me dedicar à minha família, à minha vida espiritual, e ao meu próprio trabalho.

No ano de 2016, ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, para cursar Licenciatura em Matemática, algo que sempre despertou em mim o interesse de atuar nessa área.

Em 2018, cumprindo requisito obrigatório do curso, iniciei o primeiro Estágio Curricular em turmas do sétimo ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Manaus. Foi algo libertador, pois muitos pré-conceitos caíram por terra e foram redefinidos em minha mente.

Figura 4: Momento de regência na turma de dependência em Matemática do IFAM



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

Algumas das atividades desempenhadas por mim foram: elaboração de plano de aula, de provas, trabalhos, correção destes e acompanhamento dos alunos nessas atividades.

A princípio, senti um forte impacto, pois o nível cognitivo dos alunos não estava totalmente definido para acompanhar o nível das aulas e explicações, fazendo com que o professor da turma recuasse um pouco ou deixasse de ministrar alguns conteúdos, comprometendo toda uma trajetória acadêmica, pois esses conteúdos serão exigidos nas séries subsequentes.

Acredito que o docente deve dominar o mínimo possível de habilidades pedagógicas para remediar essas situações indesejadas e muitas vezes cômodas para o professor, que se esquia de ensinar e os alunos que perdem a oportunidade de aprender algo que os acompanharão nas suas trajetórias acadêmicas do Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação.

Hoje estudando a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I -PPP I, no meu atual curso de graduação em Licenciatura em Matemática ministrada pelo Dr. Amarildo Gonzaga, percebi que legitimar um processo de pesquisa científica requer do avaliador um nível de conhecimento consideravelmente elevado, pois ele será um agente que poderá tornar ilegítimo um processo científico relevante como também, na

Para isso segue-se métodos científicos que lhes forneçam meios sistemáticos que os auxiliem no processo de pesquisa [...]”. O meu entendimento foi expandido. O conteúdo da disciplina foi discutido com a turma e ficou definida conforme Figura 5.

A disciplina ampliou meu horizonte, habilitando-me para continuar na trajetória acadêmica, na pesquisa e redação científica. Mas não me considero um pesquisador profissional, que pesquisa algo que esteja em voga e que execute laboriosamente isso, mas **pesquisei para sanar minhas inquietações internas, deleitando-me nisso, que satisfaz algumas necessidades de autorrealização**. Segundo Silva (2004, p.14)

[...] o **professor e o pesquisador têm trajetórias profissionais distintas** e, portanto, a formação desses profissionais deve estar voltada para o **desenvolvimento de competências compatíveis com o exercício de cada uma dessas funções**. No entanto, vemos que esse **modelo está sendo modificado, em alguns casos unificando-se na figura do chamado professor-pesquisador**.

O professor tem entre várias funções, a busca por melhorias e avanços em seu campo de atuação, uma das mais eficientes formas é se aproximar da pesquisa para **complementar o trabalho que faz, tornando-se capaz de falar e comprovar suas próprias teorias e opiniões** (SILVA *et al.*, 2019, p. 1).

Proponho-me a pesquisar na área de Matemática, mais precisamente em Ensino de Matemática embasada na Teoria de Registro de Representação Semiótica de Duval e Teoria das Situações Didáticas de Brousseau, com uso do *Software* Geogebra. Como aluno, tento contribuir para a ciência com minhas pesquisas na minha área de atuação que no momento é a Matemática.

Intento contribuir para a sociedade com meu conhecimento, pois **quando me deparo com alunos que estão assimilando os conteúdos fico motivado**, o que me faz ter esperança na juventude, de que eles poderão galgar **patamares melhores** nas suas vidas profissionais, podendo assim ajudar seus familiares com a paga do **seu trabalho**.

Esse meu esforço é salutar, pois me sinto bem e ao mesmo tempo em que contribuo para minha formação e para a formação de alunos que estão sob minha responsabilidade, enquanto professor.

Em outros termos, dedico-me no aprendizado de conteúdos matemáticos como funções, álgebra, assuntos estes que são fundamentais para a vida acadêmica de qualquer estudante. No mesmo **momento que eu me preparo para ministrar aulas, estudando o assunto, para melhor explicitá-lo aos alunos, eu também sou enriquecido com esse conhecimento**.

A pesquisa representa algo de extrema importância para o acadêmico, pois por meio dela e também da relação aluno/professor/saber, a tríade da Teoria das Situações Didáticas – TSD, representada por Brousseau, o que ele denominou de

Triângulo das Situações Didáticas, o pesquisador vai além do que é discutido em sala de aula e descobre outros enfoques do assunto abordado.

Esse assunto foi apresentado na disciplina “Metodologia do Ensino de Matemática” e despertou-me o interesse em realizar pesquisa utilizando esse conhecimento, como no caso do meu TCC.

É uma iniciativa que ajuda o aluno ou o pesquisador conhecer mais profundamente determinado assunto. Já quando me deparo com questões que desconheço, eu procuro sanar as dúvidas que venham a surgir no decorrer do curso. Eu pesquiso primeiramente e, se não conseguir dirimi-las, eu recorro a um agente mais tarimbado no assunto e que considero capaz de responder.

A prática pedagógica de um professor é o momento em que ele põe em prática o que ele estudou no curso de graduação, onde ele pesquisa novos métodos e teorias para melhor transmitir o conteúdo aos alunos. Pode-se pensar que a prática pedagógica se dá apenas no momento em que o professor está em sala de aula. Mas o que tem que ser ressaltado é que antes da sala de aula existe um trabalho árduo de leitura, de seleção de bibliografia, preparação de recursos tecnológicos e outras variantes, para um melhor aprendizado por parte dos alunos e, porque não do professor?

Pude perceber durante minha jornada como aluno e atualmente como aluno finalista de um curso de formação de professores que para se ter êxito no processo de pesquisa, o pesquisador precisa: dominar as novas tecnologias que mudam a todo instante e revoluciona todo um conjunto de variáveis que altera várias profissões ditas como tradicionais, inclusive a docência, que vem sendo impactada pela rápida e forte influência da Informática; conhecer as teorias de aprendizagem para se ter um maior aproveitamento dentro de sala de aula, conhecer melhor o ser humano e muito mais no início da era acadêmica de cada estudante; e conhecer as idiossincrasias (o mais possível) dos alunos, pois cada pessoa é única, com paixões e experiências. Conhecer essas particularidades ajuda na construção do conhecimento pelos alunos e professores.

Na minha história de vida como professor, procuro trazer à baila temas que tenham relevância para minha vida profissional e para a área acadêmica dos alunos. Pois não basta apenas estudar e pesquisar, tem que ser socializado o conhecimento com os alunos. Como por exemplo: funções, equações, geometria. Pude perceber

isso no meu estágio, onde foi o momento de descoberta, de conhecer melhor minhas fraquezas e meu potencial, e um momento de troca de experiência com outros envolvidos no processo educacional, tendo em mente o aluno, que é o centro dos esforços, pois sem aluno não faz sentido o professor, a escola e a pesquisa.

2.2 Um algo a mais

Nesta seção apresentarei algo que está correlacionado com o tema proposto, trazendo o entendimento geral do fazer pedagógico e o fazer científico. Entendo que fazer pedagógico é o fazer onde se pesquisa as teorias que fundamentam a atuação do professor dentro da sala de aula ou onde ele tenha que atuar, que seria o fazer científico. Segundo Gonzaga (2008), numa perspectiva ideal, ambos, o fazer pedagógico e científico, deveriam manter entre si uma relação de interdependência, a partir e para legitimarem-se na dialogicidade decorrente de suas próprias especificidades e, por conseguinte, de suas limitações.

Gonzaga (2015) inspirou-me a escrever que o sentido do fazer pedagógico é o momento em que o agente de educação usa os meios pedagógicos mais adequados para construção do conhecimento do aluno. Por meio disso, procurar-se legitimar o fazer científico quando se desenvolve o fazer pedagógico.

Dois fazeres estão, por sua vez, como aspectos caracterizadores do mencionado processo: o fazer científico e o fazer pedagógico. Numa perspectiva ideal, ambos deveriam manter entre si uma relação de interdependência, a partir e para legitimarem-se na dialogicidade decorrente de suas próprias especificidades e, por conseguinte, de suas limitações. (GONZAGA, 2015).

Encarar o fazer pedagógico conjuntamente com o fazer científico, uma vez que ambas se complementam, ou seja, o fazer pedagógico com sua capacidade de ensinar e o fazer científico contribuindo com seus métodos de investigação, “Ambas deveriam manter entre si uma relação de interdependência”.

Quando está se tentando legitimar o fazer científico, deve-se proporcionar ao fazer pedagógico um meio lógico de investigação capaz de responder às suas demandas, “um olhar que contribua na construção de um determinado conhecimento”. A cada passo do método científico tenha um rigor indispensável. O fazer pedagógico seria o professor transpor o conteúdo dos livros ou de seus meios de pesquisa para que o aluno entenda.

Considerações Finais

Com o desenvolvimento da disciplina, pude perceber o quanto é importante a redação de cartas biográficas para o estudante de licenciatura. É um retorno às origens, trazer e relembrar o passado no momento presente. É uma oportunidade de apresentar nossa trajetória de vida pessoal e acadêmica para o nosso público-alvo. Pode-se **transmitir uma boa influência para aqueles que estão começando e um possível norte para aqueles que pretendem ingressar no meio acadêmico.**

Sempre por trás de uma grande conquista tem uma grande história de luta e superação das dificuldades que surgiram durante esse percurso. É muito gratificante você começar um projeto, lutar por ele e no fim gozar dos benefícios dessa conquista. Comecei o curso de licenciatura em Matemática com uma visão e um propósito e agora estou concluindo o curso com o mesmo **propósito de forma melhorada, com a visão ampliada, e que venham os desafios, pois eles são os estímulos e motivações que me movem.** Obrigado a todos que contribuíram para o meu sucesso.

Isso fez desta construção textual algo muito produtivo, pois até o momento ainda não tive uma experiência como essa que estou tendo na disciplina PPP I. **Evolui muito na minha capacidade de redigir textos científicos.** Escrevi muitas partes do texto de acordo com meu próprio entendimento, fundamentado nos textos de apoio disponibilizado pelo professor da disciplina.

Quanto ao gênero do texto, foi um texto narrativo, pois tentei narrar ao máximo minha trajetória pessoal/acadêmica, conforme Ierecê (2019), “[...] o texto narrativo tem como principal objetivo narrar determinado fato”. Tem também a estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão. Tentei ao máximo escrever fundado em autores, não plagiei, mas sim parafraseei. Falei com minhas palavras o que o autor referenciava no texto de apoio.

Redigir texto é uma habilidade importante para todos aqueles que pretendem seguir profissionalmente na área acadêmica, seja como professor, educador ou outra área da educação.

Um ponto crítico de sucesso desse trabalho foi **citar autores que versam sobre o tema e não copiar** o texto *ipsis litteris*. Algo que para mim é um erro grave que não se pode aceitar. Não se apropriar de texto de outros, mas sim aprender com eles e construir meu próprio conhecimento, explorando minhas ideias e compartilhando para garantir a continuidade do pensamento científico.

Essa experiência que estou tendo na disciplina PPP I, nortear-me-á em toda minha vida acadêmica, como por exemplo: na construção de meu TCC, de artigos para eventos, resumos para congressos etc.; para expor minhas ideias e pô-las em discussão entre meus colegas acadêmicos, onde muitos concordam e outros não concordam. Mas isso faz parte do processo científico!

Referências

BACKES, Lucas Henrique. **Professor pesquisador**. Disponível em:

http://euler.mat.ufrgs.br/~vclotilde/disciplinas/pesquisa/texto_Backes.pdf. Acesso em: 27 maio 2019.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Refletindo sobre pressupostos da pesquisa em educação**.

GONZAGA, Amarildo Menezes; SEGURA, Eduardo Alberto das Chagas. **Além da formação profissional: a pedagogia como ciência**.

SILVA, Fernanda Gomes da; SILVA, Edineide Gomes da; QUEIROZ, Johny Carlos de. **A Importância do professor pesquisador**. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA4_ID4198_14082016195123.pdf. Acesso em: 13 maio 2019.

Breve Análise...

No texto de Alisson, alguns elementos sobressaem, como: os confrontos entre o currículo programado e a disponibilidade que a realidade da escola oferta, o que se torna um desafio – em suas palavras – para o docente, gerando anseios e desejos que tentam ser supridos por duas vias: o conhecimento da formação inicial e aquele que não foi descoberto ainda (e só vem com a experiência).

Ou seja, a prática pedagógica em sua materialidade exala a investigação científica de buscar e beber em fontes outras, visando suprir lacunas e inerências próprias do contexto de atuação do jovem professor, ao que se atrela a redação textual de caráter acadêmico-científico que ponteia o conhecimento estritamente acadêmico pela transposição à realidade da prática ou mesmo para o acesso por outros alunos, de sua turma discente quiçá outros no caminho da formação docente.

Dito de outra forma, Alisson expõe a possibilidade no que poderia ser visto como fragilidade: o conhecimento que ainda não foi construído, longe de se tornar empecilho, torna-se pretexto para uma construção alinhavada à realidade, que uma vez dita entre os pares, oportuniza que todos cresçam em prol do objeto da atuação profissional do professor e da escola: o aluno.

Para além da estrita prática docente no chão da sala de aula, a experiência da autoria se constrói para subsidiar a própria atividade acadêmico-científica e sua agenda. Assim, a reflexão sobre a prática e na prática nos apresentam um licenciando que evidencia os intercâmbios e a consequente e contínua construção entre o fazer pedagógico e o fazer científico, em uma resignificação marcada no início de seu texto sobre o ideário limitante entre a prática pedagógica e a pesquisa sobre e nessa prática, redefinindo os limites antes tão delimitados e delineados para uma cosmovisão do mundo da pesquisa no Ensino e na Educação.

Como licenciando de um Instituto Federal cuja trajetória é marcada pela formação aliada ao mundo do trabalho, e frente à sua própria história de vida, Alisson enxerga a formação de seu alunado como necessária e pertinente a essa afirmação social da atuação profissional pertinente e derivada da formação obtida.

Portanto, notamos que para este professor em formação inicial, há uma responsabilidade implícita de sua atividade sobre o processo de devir dos discentes que por ele são aproximados do conteúdo científico transposto para a construção do conhecimento pessoal e profissional.

Percebemos que esta responsabilidade advém de sua própria leitura de mundo e realidade conforme delineou em sua narrativa de história de vida. O conhecimento de si no tempo de sua escrita ainda não se revela de forma consciente, revelando estritamente necessário este tipo de exercício para a tomada de consciência na atividade e para a formação de si, imbricados à (auto)formação contínua, que alimenta e é nutrida no processo de pesquisa e prática pedagógica, mas que só desperta ao enxergarmos no processo com os alunos, a influência da experiência escolar em suas vidas e futuras práticas profissionais.

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

3 TRAJETÓRIA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA GRADUANDA DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

*Lorena Pereira Cardoso de Sousa
Acadêmica de Licenciatura em Matemática
IFAM – Campus Manaus Centro*

Muito se discute sobre a importância do ato de se fazer pesquisa, e este trabalho busca ampliar e/ou contribuir para essa discussão. Trata-se de uma autobiografia proposta na disciplina PPP I², na qual está descrita minha trajetória da infância até o processo de formação docente e os principais aspectos de contribuição para a mesma.

O trabalho apresenta uma unidade com texto de gênero autobiográfico investigativo regido pelo tipo textual narrativo-descritivo e dissertativo que engloba a formação de uma licencianda pesquisadora do Instituto Federal do Amazonas, com a finalidade da produção para compor um e-book com a trajetória de todos os licenciandos matriculados na disciplina.

O trabalho docente tornou-se um grande desafio a ser vencido em nosso país, visto que ainda se encontra disseminado em nossa sociedade o **pensamento arcaico de que os melhores cursos** a serem buscados sejam apenas os da área de medicina, direito e engenharia.

Apesar disso, é louvável e digno de exaltação o trabalho realizado por nossos profissionais da educação. **O papel do professor** configura-se essencial, pois ele é o **mediador e interlocutor** para que o processo de ensino e aprendizagem seja realizado com êxito, e ainda para que possamos **formar cidadãos críticos e conscientes** em nossa sociedade.

Diante dos fatos expostos, contarei um pouco como se deu minha trajetória na vida docente e minha relação com a pesquisa, mediante a proposta da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I de escrever uma **autobiografia como perspectiva investigativa**, ministrada pelo Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga do Instituto Federal do Amazonas

2PPP I – Pesquisa e Prática Pedagógica I

Escrever sobre si não é tão fácil quanto se imagina. É navegar nas recordações e perceber o quanto já **vivemos e aprendemos** sobre a nossa **essência**. Além do mais, entender que **você é o objeto de estudo** tende a deixá-lo confuso no primeiro momento de análise prévia sobre o que discorrer, mas é nesses momentos de indagações que descobrimos o verdadeiro sentido da nossa existência.

Como afirma Ghedin (2000) “Estamos o tempo todo diante de nós mesmos, nos procurando fora, quando o que mais buscamos se encontra dentro de nós e nas relações que estabelecemos com o mundo e com os outros.”

Conhecer é desvendar, na intimidade do real, a intimidade de nosso próprio ser, que cresce justamente porque a nossa ignorância vai se dissipando diante das perguntas e respostas construídas por nós, enquanto sujeitos entregues ao conhecimento, como dependência da compreensão de nosso ser no mundo. Se há um sentido no ato de conhecer é justamente este: ao construirmos o conhecer de um dado objeto, não é somente ele que se torna conhecido, mas essencialmente o próprio sujeito, isto é, o conhecimento de algo é também, simultaneamente, um autoconhecimento (GHEDIN, 2005, p. 141).

De antemão, apresento-me a seguir: Nascida no dia 05/04/1998, na cidade de Manaus, chamo-me Lorena Pereira Cardoso de Sousa, filha de Andreza Pereira de Nazaré e Hilton José Cardoso de Sousa, uma **futura docente**, na qual **os pais apostavam e rotulavam como futura doutora**, mal sabiam eles que a mesma teria esse sonho, mas doutora em um curso voltado para área da Educação Matemática.

Meu ciclo escolar começou aos três anos de idade, na Escola SESI Dra. Êmina Barbosa Mustafa, e no ano de 2019/1 encontro-me no 7º período do curso de Licenciatura em Matemática.

A escola é o segundo espaço na qual passamos mais tempo durante a semana, desta forma, sentir-se bem e ter um ambiente harmônico é essencial. Comecei os estudos na Escola SESI Dra. Êmina Barbosa Mustafa e permaneci na mesma até o 6º ano do Ensino Fundamental, retornando no 9º ano.

A escola possui uma ótima estrutura e excelentes professores que contribuíram de forma grandiosa na minha formação. Quem nunca estudou com uma professora dita “chata” e que no fim foi com que você mais aprendeu?

Este é o marco do meu Ensino Fundamental I, tinha grande receio de estudar com a professora Gorete e acabei provando do meu próprio medo e descobrindo que por trás da docente que todos os alunos temiam por conta da metodologia tradicional,

fui abrilhantada a gostar ainda mais da Matemática, em dias de sabatinas que os alunos não suportavam, eu amava responder rápido e ir para o parquinho como recompensa.

Figura 1- Participação na hora cívica



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Sempre fui muito comunicativa e gostava de participar de todos os eventos que a escola proporcionava, em especial os eventos culturais. Dancei quadrilha, dança indígena, carimbó, dança cigana, além de participar das gincanas de leitura.

Figura 2- Participação em eventos culturais



Fonte: A autora (2019).

Todos estes eventos na qual participei me remetem a momentos de alegria, saudade, mas além de tudo aprendido e hoje descrevendo tais fatos percebo o quanto cada etapa de desenvolvimento tem sua contribuição para a formação do ser da qual me descrevo.

Minha primeira formatura foi aos 6 anos de idade um momento de extrema importância, pois era o início de um novo ciclo, o Ensino fundamental. Dedicada e participativa, sempre tive uma facilidade de aprendizado e do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental I tudo decorreu de forma proveitosa.

No 7º ano fui para a escola Centro Educacional Batista Canaã e vi-me diante várias outras crianças até então desconhecidas, mas foi aí que me senti desafiada, **buscava estudar os assuntos antes de o professor explicar** e as notas tinham que ser sempre acima de 9,5, embora minha mãe não cobrasse tanto, tinha isso como **meta interna** e buscava sempre concretizá-la, fazia todas as tarefas sozinha e buscava perguntar somente em casos de extrema dúvida. Estudei durante dois anos na mesma escola, e aprendi não somente os conteúdos e sim **fui presenteada com pessoas que até hoje fazem parte da minha vida**. Segue registro.

Figura 3: Certificado de conclusão da Educação



Infantil

Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 4: Amizades do Ensino Fundamental



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

No decurso da Educação Infantil e Ensino Fundamental, estudei em **escolas particulares** e, no Ensino Médio, pude conhecer a realidade das **escolas públicas**, paredes riscadas, lousas em péssimo estado de conservação, banheiros quebrados

e ausência de professores, uma realidade adversa das escolas na qual estudei anteriormente. No meu primeiro dia de aula, no 1º ano do ensino médio em uma escola localizada no bairro Adrianópolis na cidade de Manaus, pude presenciar uma grande briga entre os discentes e fiquei assustada, pois jamais imaginava presenciar tais cenas.

Embora meu primeiro dia tenha sido marcado de forma negativa, a escola com seu apoio pedagógico contornou toda situação e no decorrer do ano tudo fluiu de maneira proveitosa e meses depois já estava inteirada com grande parte dos discentes e docentes da escola.

Figura 5 -Amigas do Ensino Médio



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

No 2º ano do ensino médio, precisei trocar de escola por conta da localidade, pois comecei a trabalhar como aprendiz no turno vespertino e fazia preparatório a noite. Durante as três séries do ensino médio sempre estudei nos três turnos, estudava na escola regular além de curso técnico e preparatório para prestar vestibular. Foi um período muito intenso e cansativo, mas as recompensas vieram, fui aprovada no curso de Licenciatura em Física pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, para Engenharia Elétrica com bolsa integral em uma instituição particular e no curso na qual optei, pois sempre me identifiquei com a Matemática e com a arte de ensinar, Licenciatura em Matemática, no Instituto Federal do Amazonas – IFAM.

Sabemos que toda trajetória nos envolve em sua complexidade de tal modo que se constrói uma identificação com o que somos, isto é, nossa identidade pessoal acaba por se identificar com o objeto, como afirma Woods (1999, p. 11): “[...] fazemos frequentemente investigação para descobrirmos mais de nós próprios”.

Encontro-me no 7º período do curso de licenciatura em Matemática e vi-me no âmbito do ciclo de pesquisa desde o primeiro período, quando realizei um trabalho voltado para pessoas com deficiência visual, onde tive a oportunidade em descobrir o uso de técnicas que permitem a execução da pesquisa. Desde a escolha do método a ser utilizado à abordagem, e todos os recursos que regem uma pesquisa.

Figura 6: Trabalho realizado no 1º período da graduação



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Mas o que podemos definir como pesquisa? Quais são os recursos que regem a pesquisa? O que precisamos para legitimar uma pesquisa? Todos os professores são pesquisadores? Essas foram algumas perguntas realizadas no decorrer da produção deste trabalho, o qual mudou minha concepção no ato de pesquisar. No decorrer da vida acadêmica, nos deparamos como empecilhos que nos bloqueiam a pesquisar, pois nem sempre escolhemos de forma correta os fundamentos para o exercício da investigação a ser realizada ou nem sabemos por onde começar. Isso aconteceu comigo ao descobrir que precisaria concretizar tudo o que foi ministrado na disciplina PPPI:

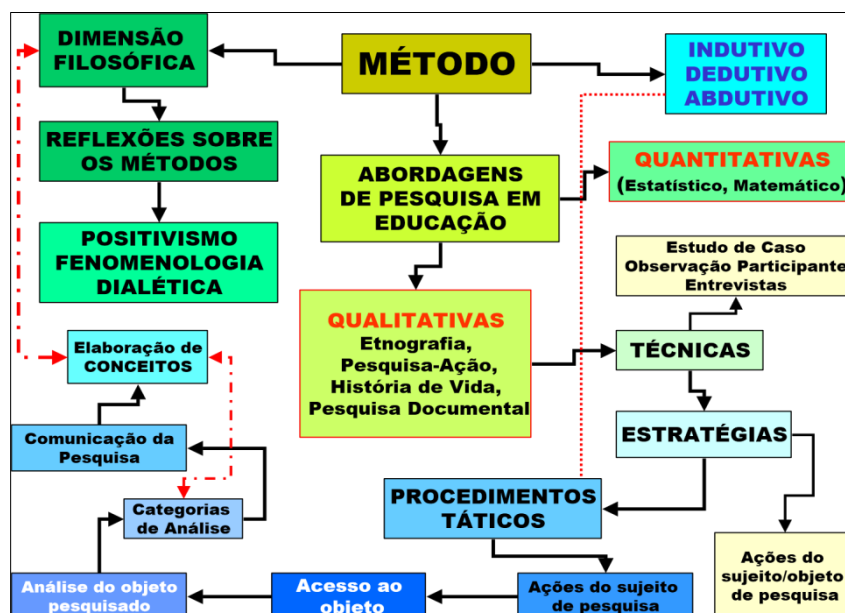
O investigador não se atém a regras e ou proposições dogmáticas preestabelecidas por aqueles que determinam o que pode e ou que deve ser feito, conforme as imposições de grupos e ou referenciais teóricos. Diferente,

em princípio, considera primeiro suas vivências e experiências como ponto de partida para começar a aprender a aprender, de acordo com os novos desafios que aparecerão. (Gonzaga; Anic).

A pesquisa norteia o âmbito acadêmico, embora nem todos se enquadrem na condição de pesquisador que visa desafios, descobertas, priorizando sempre a aprendizagem.

A mesma precisa ser articulada e posta em prática, porém muita das vezes não há subsídios suficientes. Recursos financeiros, espaço e tempo influenciam na realização e concretização do projeto em questão. Mas o principal é nos atentarmos quanto ao método que se constitui no uso de técnicas que permitem a execução da pesquisa.

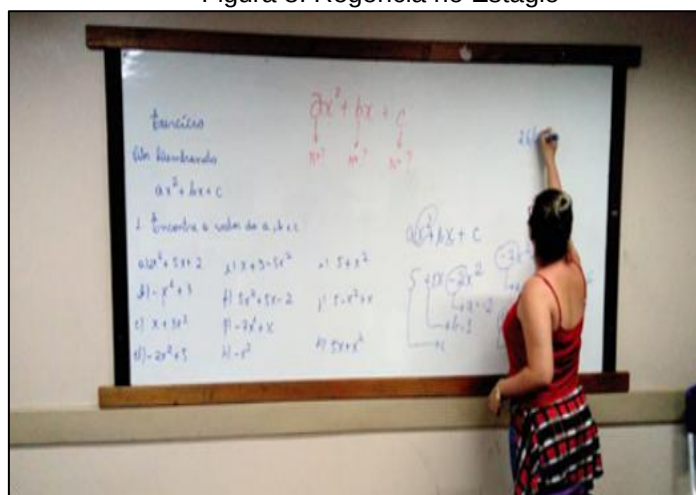
Figura 7: Relações técnicas, estratégicas, procedimentais e filosóficas



Fonte: Ghedin e Franco.

O foco principal é não conceituar os subsídios que regem o método e sim apresentar o que precisamos para realizar uma pesquisa com êxito e relatar a trajetória para concretização desta autobiografia investigativa. Voltando à minha vida acadêmica, no 5º período da graduação pude realizar o primeiro contato na prática com a profissão na qual escolhi exercer através do estágio. Segue registro.

Figura 8: Regência no Estágio



Fonte: Brummel Lucas, 2019.

O estágio é de extrema importância, pois trata-se do primeiro contato do futuro docente com a sua profissão, é onde se tem a oportunidade de averiguar se escolheu a profissão que gostaria e colocar em prática suas teorias acadêmicas, além de proporcionar um momento de transferência mútua e simultânea de experiências dentro do processo de aprendizagem assim como a construção do conhecimento.

PIMENTA (1998) questiona: Em que consiste a profissão de professor? O que significa ser professor? Como vimos, identidade profissional é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores que definem e orientam a especificidade do trabalho de professor. Sabemos que a profissão de professor vai assumindo determinadas características, vale dizer, determinada identidade profissional, conforme necessidades educacionais colocadas em cada momento da história e em cada contexto social.

Dessa forma, a expectativa quanto ao estágio baseia-se em um momento de aprendizagem, na qual podemos adquirir convivência com o meio profissional, permitindo-nos a absorção de novos conhecimentos e habilidades para a nossa vida profissional futura. Realizei o estágio I, II e III na Escola Estadual Gilberto Mestrinho Medeiros de Raposo e o primeiro contato com as turmas foi surpreendente, pois me deparei com alunos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Ensino Médio na idade regular e que apresentaram surpresa ao apresentar-me como estagiária por conta da maioria dos discentes possuírem idade superior à minha, pois acompanhei alunos da modalidade Educação de Jovens e

Adultos (EJA), mas a receptividade foi incrível e senti-me ainda mais motivada a continuar na profissão após essa experiência.

O professor, atualmente, tem que exercer uma nova função nesse processo de ensino-aprendizagem. Não só o de **detentor do conhecimento, mas também o de articulador para transmitir** esses conhecimentos da melhor maneira possível ao aluno, buscando melhorar cada vez mais sua didática, elaborando novos meios e estratégias para eficácia da aplicação dos conteúdos apresentados em sala de aula. BRASIL (1998, p. 38) destaca:

Além de organizador o professor também é facilitador nesse processo. Não mais aquele que expõe todo o conteúdo aos alunos, mas aquele que fornece as informações necessárias, que o aluno não tem condições de obter sozinho. Nessa função, faz explanações, oferece materiais, textos, etc.

O estágio foi bastante útil como forma de reconhecimento de um futuro local de trabalho, vivenciar o cotidiano e contexto no qual você será responsável futuramente. Já que o próprio **contexto escolar**, segundo Libâneo (2002), é essencialmente o papel educativo da escola na sociedade inserir o **aluno no seu contexto social**, levando-o a **desenvolver as suas capacidades, suas potencialidades na busca de efetivação de sua cidadania**.

A vida é um ciclo de **aprendizagem constante**, portanto, como futura docente enfatizo a **pesquisa e sua importância** na estrutura do trabalho científico, a preocupação com metodologia, a formulação de uma posição autêntica e independente fundamentada para **legitimação do fazer científico em paralelo com o fazer pedagógico**.

Ao legitimar o fazer científico, denomina-se um momento de reajustes e adaptações em paralelo com o fazer pedagógico. Tem-se a necessidade de confrontar os dois fazeres.

Segundo Franco (2003), o fazer pedagógico é inevitavelmente um fazer investigativo. **Quando superamos a concepção de prática como tecnologia da prática e adentramos na dialética da práxis**, não há outro caminho.

Dessa forma, **ao legitimar o fazer científico, busca-se que a pesquisa seja reconhecida na comunidade na qual está inserida, o fazer pedagógico torna-se como base**, sendo indispensável.

Os métodos de pesquisa são adaptáveis de acordo com o que se deseja, não há mais o fazer pedagógico como fator determinante, para justificar um conjunto de procedimentos realizados, logo a importância dessa prática está na necessidade de problematizarmos e modificarmos de acordo com a necessidade.

Enquadrar-se em professor pesquisador é aventura-se em novas descobertas que exigem métodos, abordagens, técnicas e dentre outros fatores que são necessários para legitimar a pesquisa. Não devemos ter medo de concretizar e fazer pesquisa, embora nem todos professores sejam pesquisadores, podemos fazer a diferença independente da área de atuação e prezar pela Ciência.

É de suma importância o ato de escrever, e deparar-me no 7º período da graduação aprendendo a escrever e descrever-me, a reinventar-me através das palavras e das constantes mudanças no decorrer do trabalho, foi de grande proveito para minha formação acadêmica. Dessa forma, vivenciei uma experiência única ao cursar a disciplina e ao concretizar este projeto pude perceber o quanto evolui neste momento de prática pedagógica, vejo-me apta para discorrer textos futuros como artigos, projetos de pesquisa e até mesmo o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC com mais facilidade por conta de todos os subsídios apresentados pelo professor orientador da disciplina. Portanto, a disciplina PPP I proporcionou-me agregar conhecimento a minha formação profissional e pessoal em todas as etapas de desenvolvimento do trabalho.

Considerações Finais

Escrever uma autobiografia a partir da proposta da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I, de minha trajetória de infância até o processo de formação docente e os principais aspectos de contribuição foi como aventurar-me em novas descobertas que exigiram métodos, abordagens, técnicas, dentre outros fatores que foram necessários para legitimar a pesquisa. Mesmo considerando-me imatura para escrita, o maior aprendizado após a realização da proposta foi: não ter medo de iniciar e concretizar uma pesquisa e fazer a diferença independente da área de atuação, prezando-se pela Ciência.

O ato de escrever é de suma importância e deparar-me no 7º período da graduação com esse desafio foi como reinventar-me. Proporcionou-me momentos de

reflexão sobre minhas experiências e pude perceber o quanto evolui durante os momentos de prática pedagógica vivenciadas no ambiente escolar e acadêmico.

A disciplina PPP I e a escrita da autobiografia proporcionou-me agregar conhecimento a minha formação profissional e pessoal em todas as etapas de desenvolvimento do trabalho. Pude lembrar experiências e registrá-las, para sim vê-las sob uma nova percepção. Além disso, a proposta sugere um momento de reflexão e aprendizado quanto às práticas pedagógicas de cada futuro docente.

Apesar do estigma de que os licenciandos em Matemática não possuem a cultura da escrita, pode-se comprovar por meio desse trabalho que esse paradigma foi superado pelos alunos da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I, que em sua maioria são do curso supracitado, e assim desmitificou-se a ideia de que os discentes da área de exatas não sabem ou não podem fazer pesquisas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática / terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC /SEF, 1998.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como Ciência da Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GHEDIN, Evandro. **A filosofia no ensino: a formação do pensamento reflexivo-crítico**. Manaus: UFAM, 2000 (Dissertação).

GHEDIN, Evandro. **Professor Reflexivo no Brasil. Gênese e crítica de um conceito**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GHEDIN, Evandro & FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Refletindo sobre Pressupostos da Pesquisa em Educação**. (Artigo).

GONZAGA, Amarildo Menezes & ANIC, Cinara Calvi. **A Fenomenologia como Pressuposto Investigativo**. (No prelo).

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: 2002.

PIMENTA, Selma G.; SOCORRO, Maria L. O estágio e a formação inicial e contínua de professores. *In: Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2010. 5 ed. (Coleção Docência em formação. Serie Saberes Pedagógicos).

WOODS, Peter. **Investigar a arte de ensinar**. Porto/Portugal: Editora Porto, 1999.

Breve Análise...

Do processo de Lorena, que teve experiência em Programa de Residência Pedagógica e estágio em Educação de Jovens e Adultos (EJA), emergem outros fatores correlacionados à sua prática e à pesquisa que conferem – a diferir de Alisson – um discurso que é assumido como posicionamento sociopolítico, de alguém que vê na Educação não apenas o mediar o conhecimento, mas a emancipação social do alunado, ao que ela chama de construção de cidadania.

Essa percepção é evidenciada igualmente quando Lorena defende a profissão professor com igualdade ante a outras profissões historicamente elegidas como elitistas, às quais os recém-formados são chamados de “doutores”.

À essa concepção familiar e do entorno é deflagrada sua voz, ao se afirmar como futura doutora sim, por meio das ciências matemáticas, via pós-graduação stricto sensu, o que revela se não uma identidade formativa e profissional, uma construção desta.

Outro elemento que surge é a percepção da influência do primeiro espaço educativo depois do ambiente familiar na construção da personalidade e por conseguinte, do perfil pessoal e profissional a partir desta experiência, aquilo ao qual Jung³ (2006) chama a atenção como essencial para o referencial pessoal ante ao mundo, que pode assomar-se como complexo ou contribuir para a integralização do Si-Mesmo, onde o subjetivo retorna ao coletivo com o comportamento desenvolvido nesse período da vida do indivíduo, que em Lorena se desenvolveu como uma grande admiração e empenho ao ponto de desejar para si o mesmo trajeto de tornar-se professora.

O impacto das vivências em ambientes educacionais privados e público são mediados por essa personalidade que percebe e marca as atuações de discentes e docentes a partir de um filtro daquilo que definiu em seu ideário, onde uma das características é o frisar de que nem todo professor é pesquisador, porém todo pesquisador pode e deve contribuir para o corpus científico de seu tempo, no espaço em que se encontrar.

Nesse ponto, Lorena retoma a posição de discurso político de sua visão docente para destacar os obstáculos do fazer científico dentro do contexto brasileiro, que fica subentendido a partir de sua crítica ao processo e o impacto deste sobre os discentes, já marcados por caminhos nem tão agraciados como ela enxerga o que teve, pelo que agradece e demonstra essa gratidão ao pensar a condição do alunado com quem experienciou o estágio.

Assim, a história de si de Lorena soma à sua formação ao buscar no fazer científico o que pode ajudar os alunos a partir do seu fazer pedagógico; onde o professor não tem uma posição privilegiada, mas o mister de contribuir socialmente

3 JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da personalidade**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

pela sua atuação, pelo qual – acredita – deve haver um reconhecimento daqueles que não conheceram a estrada pedregosa dos seus discentes.

Para Lorena o fazer científico deve servir ao fazer pedagógico e essa simbiose por sua vez deve servir à reforma do social que proporciona oportunidades ao conhecimento, à consciência de si como integrante da sociedade e por isso digno do usufruto de seu conhecimento científico devidamente acessível à condição daquele que o busca ou que ainda nem tem a percepção de que pode e deve buscar, ou seja, a pesquisa e a prática pedagógica devem servir ao discurso defendido na visão de mundo que construiu a partir de suas experiências e vivências.

Outra marca do discurso de Lorena e sua busca de romper paradigmas é quanto às potencialidades e possibilidades que o licenciando em Matemática pode tanto quanto qualquer outro acadêmico em formação inicial, ao que enfatiza o desenvolvimento da escrita científica a partir da pesquisa autobiográfica como importante para a percepção de si e de sua construção enquanto docente além do impacto possível de sua atuação no coletivo onde se insira.

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

4 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR PESQUISADOR A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE O CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

*André Gustavo Farias Ferreira
Acadêmico de Licenciatura em Química
IFAM – Campus Manaus Centro*

Meu nome é André Gustavo Farias Ferreira, nasci no dia 27 de julho de 1997, em Manaus-AM. Minha mãe é natural do interior de Itacoatiara-AM e meu pai de Manaus. Aos 14 anos de idade, minha mãe saiu de casa junto de uma de suas irmãs rumo à Manaus, em busca de melhores condições de vida, ao chegar a Manaus morou em diversos bairros, como Lírio do Vale, Vila da Prata, Compensa e ao se mudar para o São Jorge, conheceu meu pai, pois os mesmos se tornaram vizinhos. A partir daí os dois se conheceram e começaram a viver juntos.

Enfim, é uma história um pouco mais complexa, pois meu pai já tinha dois filhos de outro casamento, um deles se chama Bruno, 31 anos e hoje é policial militar, cursou Direito, mas não chegou a concluir e hoje cursa Licenciatura em Educação Física, e a outra não conheço. Meu pai foi aluno da Escola Técnica Federal do Amazonas, cursou Eletrotécnica e hoje é concursado do IFAM-CMZL como técnico em eletrotécnica, cursou Licenciatura em Matemática pela UFAM e da aula para a Educação de Jovens e Adultos – EJA também. Minha mãe, concluiu o Ensino Médio, porém não chegou a estudar no ensino superior, sempre teve o dom de trabalhar com artesanato e até hoje trabalha com isso.

Durante minha criação sempre recebi uma educação boa dos meus pais, sempre me ajudaram no que puderam, cresci aprendendo a dar valor às coisas que tenho e ajudar as pessoas sempre que puder e respeitar a todos, e a jamais desistir de meus objetivos. Sempre tive meus familiares por perto, quase sempre passava o fim de semana na casa dos meus avós paternos e brincava com meus primos, também viajava para o interior durante as férias para visitar meus avós maternos. Gostava bastante, pois era uma época do ano em que eu tinha bastante contato com a natureza e me “isolava” do mundo, pois lá não tinha sinal para celular, apenas de rádio e Televisão, e a TV só funcionava à noite durante o jornal e a novela, pois para ligá-la era utilizado um gerador de energia à diesel.

Era uma oportunidade de sair da rotina da cidade e conhecer coisas novas, ter diversas aventuras como abaixo na Imagem 1, apesar de nessa época eu ainda não saber nadar, eu gostava bastante de andar de canoa por aí e ficar olhando a paisagem, o rio, os animais etc.

Figura1: Andando de Canoa no rio Arari.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2007.

Figura 2: Eu e meu professor de judô



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2007.

Durante meu crescimento, tive a oportunidade de fazer várias coisas, como natação, apesar de eu não ter conseguido aprender a nadar na época, foi interessante ter tentado. Depois fiz judô, fiz durante 1 ano e consegui ir até a faixa cinza, também fiz karatê por 1 ano e meio e fui até a faixa amarela. Fiz curso de inglês na Wizard por 3 anos e hoje compreendo e falo bem inglês, não me considero fluente, mas seria capaz de sobreviver no exterior com meu nível de inglês.

Figura 3: Eu quando era criança



Fonte: Acervo pessoal do autor, 1998.

Apesar de eu ter feito diversas coisas durante minha infância, ainda acho que não fiz bastante coisa, não gostava muito de ir à rua brincar com as outras crianças,

gostava mais de ficar em casa assistindo filmes ou jogando vídeo game, não sei dizer se esse “tempo perdido” foi bem gasto, porém não me arrependo, sou uma pessoa que não me arrependo das coisas ou escolhas que eu faço, pois em tudo podemos tirar aprendizado, principalmente nos erros, o importante é não desistir e continuar tentando sempre.

Gosto de meter a cara em toda a oportunidade que a vida me dá, sempre quero estar fazendo alguma coisa, por exemplo, na faculdade, sempre quero estar no meio de algum projeto, às vezes é tanta coisa para fazer que quase não dou conta, mas são as escolhas que fiz, sendo assim, tenho que arcar com as consequências.

Enfim, não recordo muito sobre minha infância (período do jardim à alfabetização), eu estudei o jardim no Dom Bosco e alfabetização no Instituto Batista do Amazonas –, IBA lembro-me de algumas coisas da alfabetização, como um garotinho chamado Gabriel, toda vez antes de merendarmos ele fazia uma oração, recordo-me de um evento onde duas pessoas com fantasia de Kapo (suco em caixa) distribuíram suco para todas as crianças e da minha formatura. Após isso, mudei-me para o Colégio Municipal Elizabeth Beltrão próxima a minha casa, no Bairro Santa Etelvina, e estudei lá até a terceira série. Eu estudei a primeira série e ao final do ano decidiram me enviar direto para a terceira série devido à obtenção de boas notas, porém meu pai decidiu me colocar no CRIJ (Centro de Recreação Infanto Juvenil), colégio particular localizado na Avenida Constantino Nery, fui avaliado pelos professores e eles disseram que seria melhor que eu estudasse a terceira série novamente, devido a não ter visto diversos assuntos que seriam necessários para as próximas etapas.

Considero o CRIJ como a escola que mais gostei de estudar, eu tinha vários amigos, tirava boas notas e adorava os professores. A escola tinha diversos eventos durante o ano, um deles era um evento de dança realizado todo ano com todas as turmas do colégio, cada turma recebe um tipo de dança, treina e se apresenta. Não me lembro se valia alguma premiação, mas alguns professores davam nota para quem participasse.

Todavia em 2008, tive que ser transferido, pois o CRIJ tinha turmas até o 5º ano do ensino fundamental, minha nova escola se chamava colégio Casimiro de Abreu na Cidade Nova, foi uma escola que não gostei muito de ter estudado, não me

adaptei muito bem ao ambiente e possuía poucos amigos, por consequência meu rendimento nas matérias caiu. Não sei dizer ao certo o porquê de não ter gostado daquela escola, talvez seja o fato de eu ter que sair de um ambiente ao qual eu gostava e ter que recomeçar em um novo local, apesar de recomeços não ser problema para mim, pois sempre estou indo de galho em galho, pode ser a também aceitabilidade por parte dos colegas, pois a maioria nessa nova escola já se conhecia pelo fato de já estudarem lá há anos e eu ser apenas um intruso.

Figura 4: Formatura da Alfabetização



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2003.

Figura 5: Ciranda no 3o ano do ensino fundamental



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2006.

Enfim, a escola possuía diversas atividades extracurriculares, havia uma gincana entre as turmas e o principal intuito dessa gincana era arrecadar alimentos não perecíveis para doar, havia todo ano a feira cultural, onde cada turma ficava com um tema e deveria apresentar para todos, esse evento era aberto para os pais e responsáveis e também à comunidade local, a turma que fosse a primeira colocada ganhava medalhas e uma premiação especial.

Por fim, ao final de 2011, fiz a prova do IFAM *Campus* Manaus Zona Leste para o curso de Agroecologia, fui aprovado e tive a oportunidade de vivenciar uma nova modalidade de ensino, o ensino médio integrado.

Estudar no IFAM foi uma das melhores experiências que tive, foi algo totalmente diferente de todos os locais que já havia estudado, pois além de ser em tempo integral, havia matérias específicas do curso, ou seja, além das matérias normais como português, matemática, e geografia, tinha outras disciplinas voltadas para o curso de Agroecologia.

Porém, como diz o Tio Ben no filme Homem-Aranha “com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”, era um desafio ter as disciplinas do curso de Agroecologia, tinha que dar o máximo a todo o momento, pois a maioria das vezes tinha muitos trabalhos e provas em curto período de tempo e havia a necessidade de ir bem em todas, para no final do ano não ficar de prova final.

Tive diversas experiências lá, como as aulas práticas de campo, onde aprendi a cuidar dos animais e cultivar plantas de forma sustentável, pois o curso é voltado para produção de forma sustentável. Como era um curso técnico, tive que fazer estágio com carga horária de 200 horas.

Conseguí um estágio na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA na AM-010, Km 29, consegui fazer apenas 120 horas distribuídas entre as férias de dezembro e janeiro, aprendi diversas coisas enquanto estive lá e trabalhei com agricultores rurais em um assentamento localizado próximo ao município de Manacapuru, e passamos um final de semana inteiro lá, fizemos oficinas e algumas pesquisas com os moradores do local, com o intuito de conhecê-los e saber quais eram suas dificuldades.

Por fim, as 80 horas restantes foram pagas em um colégio municipal localizada no Bairro Novo Reino, Zona Leste de Manaus, a escola estava concorrendo com outras um prêmio em dinheiro para quem apresentasse melhores resultados na horta escolar e os responsáveis por falar sobre esses resultados seriam os alunos do 2o e 3o ano.

Os estagiários se encarregaram de revitalizar a horta da escola e ensinar os alunos de lá sobre os processos envolvidos na revitalização, plantio e colheita. Com todo esse processo, a escola conseguiu o primeiro lugar e consequentemente o prêmio.

Figura 6: Coleta do feijão de metro da horta



escolar.

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

Imagem 7: Dinâmica com moradores do



assentamento.

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

Após me formar no ensino médio, fiz cursinho no Pré-uni vestibulares, passei cerca de nove meses estudando e foi lá que aprendi a gostar de Química com auxílio dos professores Hudson e Messias, pois química era uma disciplina que eu não me dava muito bem desde o ensino médio, porém consegui aprender e consequentemente a gostar dela graças a eles.

Isso me deixou intrigado, pois hoje considero química como uma das disciplinas mais bonitas que há, pois a Química está em todo canto, porém não percebemos. Devido a isso, decidi fazer o processo seletivo do IFAM para o curso de licenciatura em química.

Hoje tenho 21 anos e sou um estudante do curso de licenciatura em Química do 7º período pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Centro, durante esses quase 4 anos, vivenciei diversos momentos e adquiri muitas experiências em diferentes formas, como por exemplo, estudar diversas disciplinas com diferentes professores, levando em conta que cada um deles tem sua forma de abordar o conteúdo.

Em 2017, fui monitor da disciplina de Química Orgânica 1 durante 6 meses, foi uma ótima experiência, pois tive a oportunidade ter o contato direto com o ambiente da sala de aula, pude sanar dúvidas dos alunos e auxiliá-los em seus trabalhos e atividades em salas e por fim, auxiliar a professora da disciplina em uma aula de laboratório sobre identificação de compostos químicos em medicamentos, foi bastante interessante e produtiva essa aula.

Após o período de monitoria concluí as disciplinas de Estágio 1 e 2 que são voltadas para o ensino fundamental (6º ao 9º ano) em um colégio particular localizado no Bairro Santa Etelvina, outra grande experiência para minha vida, pois fui bem recebido na escola, é um ótimo ambiente para se trabalhar, tive boas relações com todos os professores, principalmente com o de ciências que foi meu orientador-campo e o de Geografia, pois tive a oportunidade de auxiliá-lo em uma aula.

Durante o Estágio 1, foi feita a ambientação e observação participante, onde eu deveria acompanhar o professor em sala de aula durante sua aula. O desenvolvimento da observação foi a oportunidade de conhecer o ambiente e me familiarizar com os alunos, acompanhei os alunos do 6ºano e do 8ºano, porém durante o desenvolvimento do Estágio 1 percebi que fui mais bem aceito na turma do sexto ano.

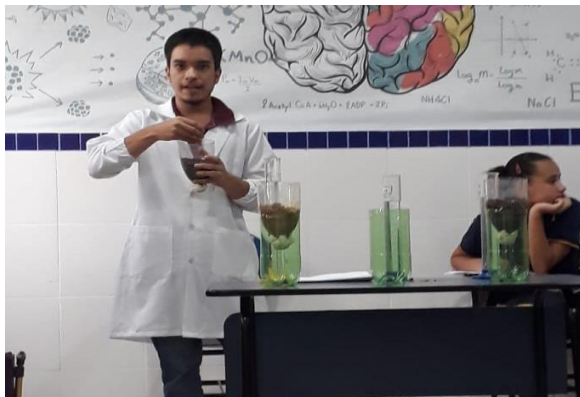
Já no período do Estágio 2, foi feito uma proposta de intervenção com um projeto de aprendizagem, que além de servir como nota para a disciplina, irá contribuir para a construção do meu TCC intitulado “Ensinando manejo e conservação do solo no ensino fundamental”.

Esse projeto foi pensado e desenvolvido em parceria com orientador-IFAM e orientador-campo, foi feito uma análise a partir do livro didático e a partir da observação participante, que determinou o assunto que os alunos mais tiveram dificuldade para compreender, sendo assim, pensou-se nesse projeto como uma forma de facilitar a absorção do conhecimento, por meio de aulas expositivas dialogadas e oficinas pedagógicas, o resultado disso tudo foi mensurado a partir de atividades avaliativas e questionários (prévio e pós aplicação do projeto). Esse projeto foi aplicado com a turma do 6º ano e eles adoraram.

Durante esse tempo de estágio, entrei no meu primeiro projeto de iniciação científica, que apesar de não ser voltado para a área da Educação, foi de grande importância para meu desenvolvimento enquanto discente do curso de Química e futuro pesquisador.

O projeto tratava de avaliação de potencial antioxidante e caracterização química de chás de algumas espécies utilizadas popularmente na Amazônia, sendo elas, a puxuri e a preciosa como são popularmente conhecidas.

Figura 8: Experimento de infiltração e retenção de água no solo.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

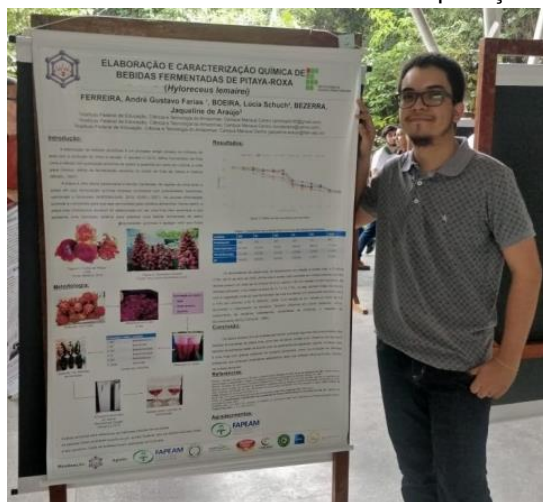
Figura 9: Aplicação do questionário prévio para os alunos do 6º ano.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

O segundo projeto de iniciação científica desenvolvido intitulado elaboração e caracterização química de bebidas fermentadas de pitaya-roxa, foi uma nova experiência para mim, pois nunca tinha trabalhado com algo voltado para a indústria alimentícia e **foi totalmente novo para mim**, aprendi **novas análises e técnicas**, tive que estudar a legislação vigente sobre vinhos e bebidas fermentadas, pois ela deve estar de acordo com os parâmetros estabelecidos por lei.

Figura 10: II Conferência de Materiais com Aplicações Multidisciplinares



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

Além de ter feito a apresentação parcial do projeto, tive a oportunidade de fazer uma apresentação desse projeto na UFAM na II Conferência de Materiais com Aplicação Multidisciplinares.

Sendo assim, **considero todas essas experiências** descritas acima de **suma importância** devido a **isso tudo contribuir** de forma significativa para a **qualidade da formação de um futuro profissional** na área da **Pesquisa e da Educação**, visto que o

IFAM preza pela formação de **professores-pesquisadores**, e essas oportunidades que o IFAM disponibiliza contribuem de forma significativa, pois a oportunidade de se desenvolver um projeto de pesquisa, escrever um relatório técnico-científico, apresentar e ser avaliado por uma banca, isso é como se fosse um preparatório para voos maiores, que são o mestrado e o doutorado.

Figura 11: Bebidas fermentadas de pitaya-roxa



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

Considerações Finais

Bem, considero o que desenvolvimento a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica I durante o semestre que se passou, **superou minhas expectativas**. Eu tinha a impressão de que seria apenas mais uma disciplina chata de “humanas”, onde iria ler diversos artigos e fazer fichamento sobre eles, porém o professor Amarildo Gonzaga apareceu com uma **proposta totalmente diferente** do que eu considerava como padrão para essas disciplinas. Começou o desenvolvimento desse trabalho, que findou em basicamente uma autobiográfica, que foi feito durante todo o semestre, vale ressaltar que quase toda semana ele recolhia os trabalhos para verificar o avanço de cada aluno.

Mas, **durante o início, tive bastante dificuldade, pois não estava acostumado a fazer trabalhos desse tipo e não sabia como desenvolvê-lo, principalmente, por ser em primeira pessoa, ser um trabalho onde conto minhas experiências e posso opinar sobre elas, algo que eu não estava acostumado, para mim, eu deveria escrevê-lo de forma impessoal, por isso, tive muita dificuldade no começo.**

Todavia, toda semana recebíamos um **feedback** do professor sobre nossos trabalhos, ele corrigia e escrevia “precisa melhorar tal coisa”, “fale mais sobre isso”, dentre outras coisas, **essas correções juntamente com rodas de conversas** realizadas entre a turma e sua aluna Carmen de mestrado, ajudaram bastante e abriram bastante sobre minha mente, principalmente em uma das conversas onde falamos bastante sobre **empatia**, **foi a partir daí que consegui desenvolver bem o trabalho, pois eu estava escrevendo apenas para mim, não pensei nas outras pessoas que poderiam ler e se elas entenderiam o que estava sendo descrito no trabalho**, então a partir desse momento, pode-se dizer que consegui o **direcionamento que estava precisando**, em uma das discussões sobre artigos e livros que tivemos em sala de aula.

E foi bem legal escrever sobre minha trajetória de vida, até o momento atual em que me encontro como um aluno finalista do curso de licenciatura em química, **pude perceber o quanto evolui** ao longo dos anos e que **cada experiência que vivi serviu para moldar o ser que sou hoje**, pude tirar **aprendizado de diversas** experiências listadas nesse trabalho, que certamente irão **contribuir para meu futuro como professor** de licenciatura em Química.

Por fim, considero o desenvolvimento desse trabalho como uma **grande experiência** que tive durante o curso de licenciatura em Química, foi um **desafio** desenvolver esse trabalho e me sinto ótimo em conseguir finalizá-lo, acho que foi uma grande sacada do professor, **trazer essa metodologia, sair do padrão e trazer nós, alunos, para a construção de um conhecimento em conjunto** com ele. Foi um grande desafio e uma ótima experiência, e finalizo esse trabalho com o sentimento de dever cumprido.

Breve Análise...

A fala de André, de forma muito contundente traz a subjetividade ressaltada como componente da formação pessoal e profissional moldada pelas experiências, das quais as prazerosas se evidenciam como alavanca para a continuidade, afimco e o consequente resultado: a formação de si que se projeta na formação profissional, criando parte de sua identidade ante o mundo.

A intensidade disso para André é tamanha que determinou sua escolha profissional ao mesmo tempo em que o não acolhimento lhe distanciou e impactou negativamente suas atividades discentes.

Neste quesito, é explícita a influência da atuação docente sobre a vida e as escolhas do educando, quando o retira do lugar à parte para atraí-lo para o que parecia frustrante, dando-lhe novo olhar sobre uma disciplina que passou a ser o cerne dos demais projetos por ele desenvolvidos.

Novamente temos que marcar nossas observações a partir de Jung (2006) para salientar os desdobramentos possíveis a partir da experiência escolar através dos professores, o que retoma nossa ponderação sobre a consciência/conhecimento de si e da ressonância de nossas atuações sobre outrem, principalmente na condição de professores junto ao nosso alunado, nos termos da Educação pelo Exemplo⁴.

Este texto reverbera a diferença formativa e identitária de traçar uma metodologia que faz uso da autobiografia nos processos formativos de futuros professores, ainda na graduação para fazer a diferença do coletivo-social.

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

⁴ Para maior aprofundamento dessa discussão, consulte na seção OBRAS CONSULTADAS ao fim desse livro: GONÇALVES, Carmen Érica Lima de. **Um Estudo em Irecê Barbosa:** as contribuições pedagógicas em “O Leilão”. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2020.

5 CONSTRUÇÃO DE SONHOS: LAR, FAMÍLIA E PROFISSÃO

Alana Matos Thury
Acadêmica de Licenciatura em Matemática
IFAM – Campus Manaus Centro

Chamo-me Alana Matos Thury, 41 anos, casada e mãe de três filhos, sendo duas meninas e um menino. Atualmente, sou universitária do curso de Licenciatura em Matemática na Instituição de Ensino IFAM. Nasci em 12 de julho de 1977, na maternidade Ana Nery, conhecida, nos tempos atuais, como Maternidade Balbina Mestrinho, que se localiza na Av. Duque de Caxias, bairro Cachoeirinha. Esse bairro, foi no qual vivi todas as etapas de crescimento, de criança à adulta.

Morava com meus pais, Edilson Thury Vieira e Aurolice Matos Vieira, junto dos meus avós maternos Aureolino Nunes de Matos (já falecido aos 93 anos) e Raimunda Moreira Matos (atualmente com 94 anos), que é super saudável e ainda lúcida, no mesmo terreno de moradia. Meus pais e avós tiveram grande contribuição na minha educação e fases de amadurecimento, a pessoa que me tornei e sou hoje é resultado de tudo que me ensinaram e proporcionaram por tanto tempo.

Figura 1: Foto em família, colação de Grau da minha filha na Graduação



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Referindo-se aos meus sonhos acadêmicos, tudo começou no ano de 1985 na Escola Estadual Ruy Araújo, localizada no bairro Cachoeirinha, onde iniciei o estudo cursando a 1ª Série do 1º Grau, hoje conhecida como Ensino Fundamental I. E foi nessa escola que também cursei a 2ª Séria do 1º Grau.

Figura 2: Boletim Escolar

IDENTIDADE

ESCOLA DE 1ª E 2ª GRAUS
MANAUS-AM
RUY ARAÚJO

ANO LETIVO DE 1985

Alun(a): Glaucia Maria

Filiação: Antônio Thomaz da Silva
Gláucia Maria

Natural de: Manaus, AM

Nascimento: 12/01/1985

Resid: Av. General Gomes

Nº: 119 Bairro: Cachoeirinha

Fone: Manaus-AM
Piccola Leticia de Souza
Docente da Escola Estadual 2ª. Série
Av. Aradá, Pôrto 66 n.º 10000

ESCOLA DE 1ª E 2ª GRAUS RUY ARAÚJO
U.E.C.
MANAUS - AM
BOLETIM ESCOLAR

GRAU	SÉRIE	TURMA	Nº
1º	1ª	1	1

Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Figura 3: Calendário Escolar



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Em 1987, mudei de escola e tive a oportunidade de ir estudar em uma instituição particular, a qual era conhecida como Pitrowsky, situada na rua Itacoatiara,

também no bairro da Cachoeirinha. Foi lá que continuei os estudos e fui permanecendo nas séries 3^a e 4^a do 1º Grau, possuo ótimas recordações.

Dentre as recordações, nelas estão a Professora Júlia, muito atenciosa, dedicada um exemplo de professora. Ela sempre estava por perto se preocupando com a aprendizagem de todos e suas necessidades (no âmbito pessoal).

Não recordo de nenhum momento vê-la zangada. Sendo que, sei muito bem como não é fácil lidar com alunos da terceira série, atual 4º ano, tarefa difícil já que possuem muita energia.

Lembro-me também do parquinho, um dos melhores locais a se ter bons momentos de lazer para uma criança, sendo nestes bons momentos que também se tem a oportunidade de se relacionar com outras crianças, fazendo novas amizades, correndo até de cair e acabar levantando para dar continuidade às travessuras que somente crianças sabem fazer.

A hora do recreio, era um momento onde sentava com a turma, e cada um com sua lancheira dividia os alimentamos, era a maior festa, pois tinha ali a partilha com quem não podia levar um lanche. Esse fato não ocorria só com alguns colegas, mas também comigo, já que havia dias que não levava merenda, e eu não ficava triste, pois sabia que a humildade e solidariedade era mútua.

As festas juninas, são as recordações empolgantes da escola, pois para aquele momento, vinha-se se organizando todo o corpo estudantil, era parte do calendário escolar e cada turma ficava responsável por apresentar uma dança folclórica. Dois meses, duravam os ensaios. Um fato que é bem “fresco” na memória é de que minha turma iria apresentar a dança quadrilha e fui escolhida para ser a noiva.

Naquele momento, aceitei o papel, porém minha mãe não conseguiu um vestido para mim até o dia da festa, fiquei muito triste, já que foram dias de ensaio para acabar não se apresentando.

O meu par, que ia ser o noivo, coitado! Ficou sem a noiva. Na aula após a festividade, ainda fiquei sabendo que na hora conseguiram uma noiva para ele, um papel principal assim não pode faltar noiva. No fim, tudo deu certo.

Tive uma melhor amiga, chamava-se Cleonice, na época dessa amizade andávamos sempre juntas, nunca mais tive notícias dela. Algo que marcou muito a nossa amizade, foi o fato dela ter um coração generoso, não era egoísta, mas as vezes haviam colegas que se aproveitavam demais da sua bondade. Uma frase que me remete muito a isso é: “se você não me der, deixo de ser sua amiga”. Era bem comum escutá-la e eu não gostava nada.

Não posso me esquecer da hora cívica, em que todos os alunos eram reunidos na frente da escola, havia um espaço para que pudéssemos hastear a Bandeira e cantar o Hino Nacional.

Naquele tempo, era um momento considerado como diversão, as crianças gostam de se divertir assim, no entanto, comparando-se aos dias atuais, vejo a importância que se tinha em não só conhecer a música, mas como o significado da letra. Muitas crianças hoje desconhecem esse significado, a música em si todo brasileiro conhece pelo fato de sempre antes dos eventos esportivos ser tocada, mas o sentido e sentimento não são os mesmos.

Figura 4: Instituto de Educação do Amazonas- IBA



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Em 1989 troquei de escola novamente, pois a escola anterior o ensino era o básico de 1ª a 4ª série, continuei em escola particular, mas dessa vez como bolsista essa nova escola é conhecida como Instituto Batista do Amazonas - IBA, situada a Rua São Luiz nº 370, bairro de Adrianópolis. Lá cursei a 5ª série, 6ª série e 7ª série

do 1º Grau. A recordação que tenho é da hora que íamos todos para o pátio cantar louvores, pois a escola é Batista, até hoje, tem música que quando escuto parece que volto aquele momento, onde todos os alunos de todas as séries eram reunidos no espaço bem amplo de recreação e éramos colocados em fila, para aquele momento religioso e não deixava de ser um momento de descontração e diversão para conversarmos e brincarmos. Foram 3 anos maravilhosos em uma escola que me recebeu de braços abertos mesmo eu sendo bolsista não havia discriminação, só que mais uma vez troquei de escola, dessa vez o motivo foi que os alunos bolsistas só poderiam continuar se estudassem pelo turno noturno e minha mãe na época não concordou, por conta do risco que estaria correndo.

Figura 5: instituto de Educação do Amazonas



Fonte: /idd.org.br/acervo (2019)

Em 1992 fui transferida para o Instituto de Educação do Amazonas - IEA, onde conclui a 8ª série do 1º Grau e iniciei o 2º Grau cursando o 1º, 2º e 3º ano o chamado de Ensino Médio, o bom é que o aluno já saia com uma formação e apto a exercê-la, foi lá que me formei na área do magistério, em 1995.

Durante esse período de estágio já consegui trabalhar na área e aproveitar essas horas como estágio obrigatório, foi uma experiência maravilhosa me identifiquei muito ao trabalhar com crianças da pré-escola, pois assim como gostei de ter uma professora como a tia Helena da escolinha Pitrowsky tornei-me uma parecida, como sei disso, pelo simples fato que quando tive deixar de exercer a profissão, infelizmente muitas crianças sentiram minha falta me doeu muito mas, foi por um bom motivo, o nascimento da minha primogênita.

Foi a partir de então que abri mão dos estudos para me dedicar a ser mãe em tempo integral, não me arrependo de nada, pois hoje só tenho orgulho dos meus filhos e posso perceber que nada foi em vão, é claro que não posso deixar de citar o meu esposo, que sempre esteve ao meu lado me dando apoio e suporte para que tudo isso fosse possível.

Aos meus 32 anos voltei a estudar pelo incentivo e apoio por parte dos meus filhos e esposo. Em 2015, prestei vestibular para o IFAM (Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Amazonas) no qual consegui a tão esperada aprovação e em 2016 iniciei na instituição, hoje em 2019/1 estou no 7º período faltando pouco para que seja concluída mais essa etapa dos estudos.

Figura 6: IFAM



Fonte: <http://portalamazonia.com/educacao/> disponível 2019

No início do curso não foi fácil, pois depois de 20 anos longe dos estudos tudo era novo, uma sensação de que não iria conseguir, mas a cada período novos aprendizados e dificuldades e o sentimento de que não conseguiria concluir, mas o tempo e o meu esforço foram fundamentais para que fossem concluídos com sucesso tendo a certeza que apesar do tempo e da idade tudo é possível e que a palavra desistir, não deve fazer parte do meu vocabulário.

O tempo foi passando de maneira tão rápida e hoje, faltando menos de 2 semestres, vejo-me cada vez mais capaz de dar continuidade no que sempre quis,

quando em 1995 com a conclusão do ensino médio, época na qual o ensino médio dava a oportunidade de formação técnica na área do magistério, na qual foi minha formação, podia-se lecionar.

Foto 7: Exposição de matemática



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Esse período de 3 anos remete-me a lembranças das aulas de Metodologia que nos ensinava a trabalhar com as crianças e produzir matérias didáticos, esses momentos eram bem aproveitados por todos os alunos, já que se tornavam aulas descontraídas e o Estágio também contribuiu muito, pois tive a oportunidade de atuar junto com as crianças e saber quanto é prazeroso ser professora e pôr em prática tudo que aprendemos em sala de aula, estar junto com as crianças e fazer parte de sua formação, mesmo que esse tempo seja um período curto, mas para mim não foi curto, pois já atuei direto como professora num período dos dois últimos anos do magistério.

Sinto-me muito feliz, orgulhosa por essa conquista, por ter adquirido experiências e vivências de grande importância, aprendizados tão significativos e principalmente me tornar apta a atuar na área de ensino, contribuindo assim na formação dos alunos.

Considerações Finais

A disciplina PPP I, ministrada pelo Prof. Dr. Amarildo Gonzaga, no curso de Licenciatura Matemática, do Instituto Federal de educação Ciências e Tecnologia do Amazonas, proporcionou momento no qual tivemos a oportunidade de relatar nossas

experiências vividas desde a pré-escola até os dias atuais como discentes, com embasamento em textos auxiliares e principalmente diante do meu relato de vida, chegar ao final do semestre foi gratificante, pois iniciou-se com a certeza de que não se conseguiria escrever esse relator, mas ao contrário do que pensava, ler o trabalho final nos fez sentir que somos capazes, desde que tenhamos **disciplina, dedicação e uma boa orientação**, assim como tivemos do nosso prof. Dr. Amarildo Gonzaga.

Alana Matos Thury

Breve Análise...

O texto de Alana traz um ar bem diferenciado do de seus pares, ou apenas a autora tem maior conforto em expressar a subjetividade do seu ato docente, que se veste não de um discurso político como o de Lorena, não marcado pelo tom da escada de aprendizado, como de André, não carimbado pelo vínculo com o trabalho como Alisson, mas... escreve do que sente.

Aqui a docência não é um labor, antes se veste de prazer, convida a alegria e se estende/mescla com a própria maternidade. Podemos dizer que em Alana, docência é construir na emotividade, integrar, partilhar.

Talvez seja essa tonalidade que aplique aos desafios o sentido de valor construtivo, pois ela não pontua o desafio pessoal, mas projeta-os como doação para os alunos que terá. A autobiografia é espontânea aqui e flui como uma conversa leve, acolhedora.

Esse é um diferencial em uma professora de Matemática, pois ela oferta uma devolução da vivência e da experiência que teve. Para Alana, ser professora é sentir e participar e isso pode transformar não apenas a experiência matemática de seus alunos, mas o próprio paradigma de como se deva ensinar matemática ou o estereótipo do professor de exatas.

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

6 AUTOBIOGRAFIA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA

*Maria Izabel Barbosa de Sousa
Acadêmico de Licenciatura em Matemática
IFAM – Campus Manaus Centro*

INTRODUÇÃO

Esta produção surgiu da disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica I ministrada pelo Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga, que **visa relatar como ocorreu o processo de formação da licencianda como professora investigadora**. Para tanto, serão analisados aspectos que surgiram no trajeto de sua vida acadêmica desde o Ensino Infantil, **assim como a importância desses elementos para sua decisão de se tornar educadora**. O texto está dividido em dois momentos: no primeiro, se encontra a **autobiografia** da autora voltada à **prática e o ato de pesquisa**; no segundo, será abordado o Estágio-Docência e suas relações com a prática pedagógica.

6.1 AUTOBIOGRAFIA DA AUTORA

Quando o ser **humano se autoavalia é um processo de desconstrução**, já que desde pequenos temos a “cultura” de falar do próximo sempre com um **olhar** de inferioridade, já que **o outro nunca pode**, nessa visão, **ser melhor do que eu** e quando este sujeito tende a **falar de si, resalta suas qualidades e não reconhece seus defeitos**.

Neste estudo, da disciplina de Prática e Pesquisa Pedagógica, será relatada **a história da minha vida acadêmica e o meu processo de construção formativa como professora investigadora**. Sendo assim, começarei falando sobre **quem sou e porque me tornei educadora**.

Sou Maria Izabel Barbosa de Sousa e tenho 21 anos. Desde criança sou **apaixonada por estudar**, iniciei minha vida escolar aos 3 anos de idade e até o 1º ano do Ensino Fundamental I estudei em escola pública.

Por volta desta época, lembro da **precariedade que várias escolas enfrentavam**, como uma péssima infraestrutura, visto que **quase sempre não tinha aula** por falta de

água, luz, merenda ou até mesmo pelos alagamentos da escola, contudo, nenhum desses fatores tornaram-se empecilhos para que eu desenvolvesse uma jornada escolar, até porque, naquela época, obtive professores qualificados com amor pela educação.

Figura 1- Autora no 1º ano do Ensino Fundamental



Fonte: Acervo pessoal da autora (2003)

Do 2º ao 9º ano, estudei em uma escola particular e, claro, a realidade era muito diferente, principalmente se tratando da média, na escola pública era 5 e na particular 7, mesmo que eu me achasse inteligente, o que eu havia estudado se tornara pouco diante de tanto conteúdo assimilado na nova escola, um padrão, totalmente, diferente e regras novas.

Nesse período, pude perceber o quão desigual é a sociedade, uma vez que nessa atual escola todos andavam com tênis e mochilas de marcas, a escola, como era paga, tinha um ótimo ambiente, todavia, um fator que não mudou, refere-se à falta de interesse de vários colegas em aprender mesmo o pai pagando pelos seus estudos. Tal circunstância me mostrava que, independente de dinheiro, o ser humano poderia chegar no lugar que almejasse, fato que só dependeria dele.

Meus pais sempre trabalharam muito para que meu irmão e eu estudássemos em uma boa escola e, desde criança, vendo esse esforço, estudava muito para recompensar com boas notas, no entanto, por mais que me dedicasse, nem sempre recebia um parabéns.

Hoje, como educadora, percebo o quanto isso desmotiva uma criança, todavia, vejo que a sociedade também condiciona o indivíduo a viver de elogios e, no meu caso, quanto menos elogios mais me esforçava na tentativa de ganhar atenção.

Ninguém é movido a fazer algo se não houver um pouco de motivação que origina esforço para desenvolver determinada atividade intelectual. O interesse é um exemplo de como são selecionados as atividades intelectuais. Esta seleção é provocada pela afetividade e não pelas atividades cognitivas. Portanto, faz-se necessário pensar em afeto como sentimentos, desejos, interesses, valores e todo tipo de emoção (WADSWORTH, 1997, p.70).

Em virtude disso, é necessário que os pais acompanhem o desempenho escolar de seus filhos, na perspectiva de analisarem seus erros e acertos e elogiá-los, na medida do possível, sempre com moderação.

O aluno pode receber elogios dos seus professores, porém, quando parte das pessoas que ele ama, como sua família, a alegria se torna completa. Um exemplo encontra-se no meu boletim do 5º do Fundamental, minha professora sempre me parabenizava pelas minhas notas, mas nada se igualava ao ouvir parabéns da minha mãe, o que ocorria raramente.

Figura 2- Boletim da aluna no 5º ano do Ensino Fundamental

BOLETIM ESCOLAR - 2º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL										
COMPONENTES CURRICULARES	1º BIM	2º BIM	3º BIM	4º BIM	MF	REC.	MRF	TF	CC	
	NOTA	NOTA	NOTA	NOTA						
LÍNGUA PORTUGUESA	10,0	9,5	10,0	10,0	10,0			03		
MATEMÁTICA	10,0	9,5	10,0	10,0	10,0					
CIÊNCIAS	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0					
HISTÓRIA	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0					
GEOGRAFIA	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0					
ENSINO DA ARTE	10,0	10,0	9,5	10,0	10,0					
EDUCAÇÃO FÍSICA	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0					
ENSINO RELIGIOSO	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0					
LÍNGUA INGLESA	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0					
INFORMÁTICA	10,0	9,0	10,0	10,0	9,5					
Assinatura dos pais ou responsáveis										Data
1º BIM	Francisca Oliveira Barbosa									
2º BIM	Francisca Oliveira Barbosa									
3º BIM	Francine Soares Marinho									
4º BIM										
LEGENDA										
F=FALTAS TF= TOTAL DE FALTAS MRF=MÉDIA DE RECUPERAÇÃO FINAL R=RECUPERAÇÃO C.C. = CONSELHO DE CLASSE										

RESULTADO

O (a) aluno (a):

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%

100%</

RESULTADO	
O (a) aluno (a):	
Aprovada!	
Parabéns!	
Manaus, 10 de dezembro de 2008	
Pedagoga	

Fonte: Acervo pessoal da autora (2008)

Nas tentativas de me aprimorar e proporcionar orgulho aos meus pais, sempre ficava no quadro dos três melhores alunos da escola, contudo, também estudava por mim, para ser alguém melhor e uma pessoa independente quando crescesse.

Você, caro leitor, pode discordar ao pensar, como uma criança já tinha essa visão, contudo, querendo ou não, desde criança começamos a compreender o mundo aos poucos, logo, é fundamental que todos possam ter acesso a uma educação escolar e familiar eficaz a partir da infância.

Durante esses primeiros anos da infância, o principal contexto no qual a grande maioria das crianças cresce e se desenvolve é a família. A medida que avançam no desenvolvimento, as crianças vão tendo acesso e participando de novos contextos e, como consequência, vão aparecendo novas fontes de influência no desenvolvimento da personalidade. A escola e a família se transformam, então, nos dois contextos mais influentes voltados para a configuração da personalidade infantil; os pais, os professores o grupo de iguais irão transformar-se nos agentes sociais mais importantes e decisivos durante esses anos (PALÁCIOS; HIDALGO, 2004, p. 252).

Em 2012, terminei o Ensino Fundamental II. Naquele momento me despedia da escola, na qual estudei por sete anos, houve uma formatura, fui a oradora da turma e neste dia mais uma etapa da minha vida acadêmica era concluída, foi um dia de despedidas e muitas emoções, pois quem estuda por muitos anos em uma escola, cria vínculos, amigos e se sente isolado e nostálgico ao ingressar em outra instituição.

Em continuação, já no Ensino Médio, trabalhava por meio período em um hospital como menor aprendiz e estudava em uma escola estadual à noite. Tal decisão me fez amadurecer bastante, não tinha necessidade de trabalhar, porém, desejava minha parcial independência financeira, quem é menina e adolescente entende a vontade de comprar produtos básicos e outros, nem tão básicos, para cuidar de si.

A experiência supracitada foi, totalmente, diferente, primeiro que estudei por sete anos pelo turno matutino e na rede particular, depois que durante o 1º ano do Ensino Médio revi os assuntos que já havia estudado no 9º ano, sem contar que neste novo ciclo, no turno noturno, a duração total das aulas era de 03h e 30min e, na maior parte das vezes, os professores não apareciam na escola, ademais, durante estes três anos mal tive professor de Biologia e Física.

Diante disso, surgem questionamentos do tipo: a grande distinção entre as escolas públicas e particulares existe? Este preconceito é justificado? Estas perguntas podem ser respondidas por todo aluno que vivencia estes fatos e, como passei por

esta experiência, posso dizer que existe uma enorme diferença entre essas redes de ensino.

Infelizmente, vivemos em um país, no qual a Educação não é prioridade e os professores, em grande maioria, não são valorizados, contudo, pode-se destacar o desejo de mudança e diferença daqueles que ingressam nesse campo e são cientes dos desafios encontrados.

Durante o meu período no Ensino Médio, fiz as provas do SIS⁵ e PSC⁶, mas, até então, não sabia qual área seguir, como trabalhava em um hospital, pensei em fazer Medicina, claro, como dito anteriormente, somos levados pelos estereótipos e *status*. Por conseguinte, a maioria das pessoas pretendem cursar, como primeira alternativa, Medicina, Engenharia, Direito, contudo, quase nunca, os cursos de Licenciatura.

Os jovens acabam sendo “seduzidos” por “profissões da moda” ou mais exploradas pela mídia. Esses fatores, juntamente com o excesso de informação e as exigências que os adolescentes percebem a respeito do mundo do trabalho fazem com que eles muitas vezes estabeleçam critérios de escolha mais voltados para referenciais externos que para seus interesses, anseios e aspirações. Hoje em dia é comum escutar adolescentes que digam que querem uma profissão que dê dinheiro, não importa qual seja. (LEMON, 2001, p. 1).

Por tal motivo, sempre tive em mente que escolheria um curso que eu amasse e que, posteriormente, quando formada, ajudasse as pessoas. Apesar de enfatizarem que certas profissões não promoverão muito dinheiro, se você exercer seu ofício com paixão e buscar ser o melhor no que faz, de maneira ímpar, tenho certeza de que será bem recompensado.

No 3º ano do Ensino Médio, parei de trabalhar no hospital e decidi fazer cursinho pré-vestibular, naquela época comecei a me identificar MUITO com os professores do cursinho e também, na mesma época, passei para um estágio da SEDUC⁷ para ser monitora na minha escola e, durante esta fase, descobri o que realmente queria fazer, SER PROFESSORA. Apesar disso, até então, não sabia qual Licenciatura cursar, em vista de identificar-me com todas as disciplinas, porém, duas

5 Sistema de Ingresso Seriado da Universidade do Estado do Amazonas.

6 Processo Seletivo Contínuo da Universidade Federal do Amazonas.

7 Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino.

me cativavam, Português e Matemática, sendo assim, prestei vestibular para os dois cursos.

No dia 21/12/2015, saiu o resultado da prova da UEA⁸, a qual era considerada minha primeira opção, e não fui aprovada. Em razão disso, chorei muito naquele dia e me senti frustrada, todavia, no dia 15/01/2016, saiu a lista dos aprovados de Licenciatura em Matemática do IFAM⁹ e adivinhem? EU PASSEI.

Figura 3 Lista dos aprovados em Licenciatura em Matemática IFAM/2016

Agrupado pelo Curso: CMC - Licenciatura em Matemática		
Tipo de Classificação : PPI (RFBPC > 1,5)		
Inscrição	Nome	Nota
1022920	KAROLINY ATAIDE BENTON	68,0
966299	SORAIA ROCHA SAMPAIO	60,0
978478	ALINA FREITAS CAETANO	60,0
1003950	MARIA IZABEL BARBOSA DE SOUSA	59,0
984174	GILMAR SOUZA DA SILVA	58,0
1007154	WELLKLEY MACIEL SOARES	58,0

Fonte: Portal do IFAM CMC (2016)

No dia do resultado foi um dos mais felizes da minha vida, naquele momento passou um filme pela minha cabeça e lembrei de tantas noites sem dormir, de tantos choros por medo de não passar no vestibular e tanta pressão por parte da família, posto que nessa fase todos falam que você vai passar e você, por sua vez, sente uma insegurança tão grande de decepcionar os outros e você mesmo, assim, quando fui aprovada, só conseguia chorar de tanta felicidade.

No primeiro dia na faculdade, foi um misto de sentimentos, felicidade - por começar uma nova etapa - e solidão – por estar diante de um novo um espaço, totalmente, diferente, sem nenhuma pessoa conhecida e com vergonha de conversar com os colegas de classe.

A partir desses, outros receios foram surgindo ao longo do período, tais como: não ter os assuntos esmiuçados; professores mais rígidos e menos “ativos”, já que o discente deve ter mais autonomia no seu processo de ensino e aprendizagem; pouco tempo para muito assunto; o fato que mais me abalou - quando o acadêmico de

8 Universidade do Estado do Amazonas.

9 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

Licenciatura ingressa no curso idealiza encontrar assuntos similares aos que estudou anteriormente e pensa que serão revisados, contudo, na realidade, é primordial que já tenha domínio de todos esses conteúdos.

O meio acadêmico tem um grau de exigência maior do que aquele com o qual o estudante estava acostumado e os conteúdos das disciplinas são diferenciados e mais densos, assim o mesmo precisa aprender como conduzir as novas situações que lhe são impostas, caso contrário estas dificuldades podem virar frustrações e, por conseguinte, pensamentos que envolvam desejos de abandono do curso. Adicionalmente, outro fator pode problematizar ainda mais a situação da transição acadêmica, que é a carência de orientação por parte da universidade no sentido de ajudar os novos universitários a manejar as demandas que aparecem. (PINHO *et al.*, 2015, p.35).

De fato, o então ingressante sente falta desta orientação por parte do curso de formação inicial, já que precisa administrar seu tempo e realizações de tarefas. Além disso, não tem mais nenhum professor puxando sua orelha, uma vez que se subentende que já sejam adultos e responsáveis para vida acadêmica, fazendo com que o graduando se desespere ou amadureça.

Retomando, acerca dos fatores observados no processo, ressalto a diferença de idade entre os colegas de classe, acostumada, até então, a estudar com uma mesma faixa etária e a surpresa de me deparar, em um curso de Ciências Exatas, logo no 1º período, com tantas disciplinas pedagógicas, já que pensava que só estudaria cálculos, números e números.

Tal ótica se justifica pela concepção, já enraizada, de que o professor só transmite conteúdo, sendo extremamente tradicional e mecânico, todavia, em um curso de Licenciatura se faz necessário que o acadêmico entenda que o seu papel como educador transcende o conteúdo específico aprendido na academia.

No começo, posso afirmar que foi difícil, bateu um desânimo e vontade de desistir diante dos fatos citados, ainda assim, quando iniciei o PIBID¹⁰ e o Estágio Docência, confirmou-se ainda mais o meu desejo pela Educação.

Não tem dinheiro que pague você se sentir bem fazendo o que gosta, a vontade de ajudar as pessoas através do conhecimento é uma das formas de mudar suas

10 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

atuais situações de vida, salientando-se que no país, onde vivemos, estudar e trabalhar é uma das poucas formas de mudar nossa condição social.

Figura 4- Oficina do PIBID no Campus do IFAM de Manacapuru



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017)

Hoje, a partir da Disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica I, consigo perceber que durante a graduação houveram diversos momentos que possibilitaram o meu nascer como professora pesquisadora. No entanto, todo o trajeto percorrido durante minha vida acadêmica, desde os três anos de idade, como dito inicialmente, me fizeram uma pesquisadora, de modo que uma pesquisa não representa somente um objeto acadêmico, o próprio cotidiano pode ser objeto de estudo do investigador.

Nessa direção, enfatiza-se que o ser humano desde os primórdios foi levado a produzir elementos que suprissem as necessidades de sua época. Primeiro surgiu um problema, que podemos chamar de inquietação, e, posteriormente, houve uma busca para resolução desse obstáculo.

Podemos afirmar que esse processo é um ato de pesquisa? Esta pergunta se faz necessária pelo fato de que as pessoas desconhecem o conceito de pesquisa,

além de pensarem que esta se resume apenas à comunidade específica, como a academia.

É preciso lutar contra a crença de que o acesso aos conhecimentos científicos pertence somente aos futuros cientistas, e que o problema está na dificuldade de compreensão daqueles conhecimentos por grande parte da população, uma vez que exigem alto nível cognitivo (GONZAGA, 2013, p. 11).

Mas, o que de fato é pesquisa? Quando você procurar em diversos veículos seu conceito, encontrará vários tipos de pesquisas relacionadas, por exemplo, à Metodologia Científica. Pesquisa, ao meu ver e no sentido adotado nesta autobiografia, é toda ação que tem como objetivo a aquisição de conhecimentos e que pode partir tanto da busca para solucionar algum problema, de uma pergunta dada, de um mistério ou ser motivada, simplesmente, pela curiosidade da pessoa e o prazer de aprender.

Ainda, pode-se dizer que a pesquisa se constitui em um conjunto de procedimentos que visam produzir um novo conhecimento e não reproduzir, simplesmente, o que já se sabe sobre um dado objeto em um determinado campo científico.

Assim, nesse contexto, a minha história acadêmica se torna o objeto de pesquisa, a fim de revelar fatos que, consciente ou inconscientemente, me tornaram quem eu sou: uma professora pesquisadora.

6.2 O ESTÁGIO DOCÊNCIA

O Estágio permite aos acadêmicos uma visão da realidade escolar, seu futuro campo de atuação, representa o lugar, onde os alunos aplicam não somente os conhecimentos obtidos ao longo da vida acadêmica, todavia, experienciam seus medos, receios e preocupações, sendo um momento crucial para os discentes observarem o cotidiano escolar, agora com um olhar diferente de quando estavam na condição de estudantes e não de licenciandos.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), o Estágio torna-se imprescindível no processo de formação docente, em virtude de oferecer condições aos futuros educadores, em específico aos estudantes da graduação, para uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor e, a partir desta experiência,

os acadêmicos começarão a se compreender como futuros professores, pela primeira vez, encarando o desafio de conviver, falar e ouvir, com linguagens e saberes distintos do seu meio, mais acessível aos adolescentes.

Nesse sentido, minha experiência como estagiária foi fundamental e enriquecedora para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Estes momentos aumentaram ainda mais meu desejo de ser professora, visto que o educador é capaz de ensinar aos alunos e despertar neles o desejo de aprender, além de tudo o discente adquire um afeto pelo seu mestre, devido a escola funcionar como a sua segunda casa, podendo dizer que a Educação é uma profissão carregada de emoções.

Entretanto, o acadêmico não deve considerar o pequeno período que ficou na escola-campo como um todo, posto que os alunos podem “mascarar” seus comportamentos quando se sentem observados. Tal fase deve possibilitar ao professor em formação uma noção da realidade escolar, das dificuldades que a escola vivencia a cada dia, além de ter o contato com o professor já formado e um compartilhamento de experiências.

Figura 5 – Regência da autora na Escola Estadual Júlio César - Estágio I



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Ao trabalhar com o Ensino Fundamental fui surpreendida, ao passo que não sentia o desejo de trabalhar com crianças, sempre temos um certo receio por conta dos seus temperamentos e por representar uma idade difícil de lidar.

Depois de estagiar com esses pequenos, mudei, completamente, de ideia, pelo fato de se mostrarem tão carinhosos, afetivos e nos tratarem como uma segunda

família, é claro que há muito barulho, bagunça e birra, entretanto, driblamos estes empecilhos. Acima, segue um registro de um dos momentos enquanto estagiava no Ensino Fundamental I pelo programa Residência Pedagógica.

No Estágio Supervisionado IIII, a convivência com meu orientador-campo e alunos me trouxe muitas lições, sendo que meu mestre sempre me corrigia, quando necessário, para que eu melhorasse minha postura diante dos estudantes - como o domínio dos conteúdos, a forma de abordá-los e contextualizá-los -, além de auxiliá-me a desenvolver um senso ético e demonstrar abertura à diversidade.

Sempre há aquela pergunta por parte do professor-orientador: “Tem certeza que deseja ser professora? Ainda há tempo para desistir”. Vejo muitos docentes desanimados, principalmente os que estão no fim de carreira, mas para todos aqueles que perguntam sobre minha profissão, respondo com firmeza: “COM CERTEZA QUERO SER PROFESSORA”.

Figura 6 – regência da autora no IFAM-CMC no Estágio III



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Se antes eu desejava ser professora somente do Ensino Médio e Graduação, esta vontade se comprovou ainda mais, contudo, depois da experiência dos quatros Estágios Supervisionados, o Ensino Fundamental se tornou uma das minhas paixões, sendo que, atualmente, não tenho mais preferência por uma modalidade de Ensino.

Por fim, estagiar no IFAM, com certeza, foi minha melhor experiência até hoje, quando ministrei aulas, senti que nasci para isso e vi o quanto desejo ajudar as

peessoas, não só pelo conhecimento, todavia, para que se vejam capazes de ascender, social e economicamente, e desempenhem seus papeis na sociedade integralmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica, consegui desenvolver ainda mais a metacognição, ou seja, agora monitoro com mais precisão o meu processo de leitura e tenho a capacidade de saber quais partes do texto devo fornecer mais atenção e outras que não precisam de tanta ênfase.

Este processo foi trabalhado desde o início das aulas, sendo que, a cada encontro, o professor pedia para que fizéssemos uma produção textual e, ao longo do período, esse texto era lapidado, sempre com a orientação do docente, o qual corrigia nosso material e nos guiava onde seria necessário melhorar, retirar, acrescentar ou detalhar partes do trabalho.

Este ciclo foi fundamental para os discentes, pois passou uma sensação de segurança, sendo que podíamos contar com sua ajuda, deixando claro, que nesse processo o professor foi mediador e os autores foram os licenciandos.

A construção, sem dúvida nenhuma, melhorou minha escrita e capacidade de parafrasear, dado que minha história foi o principal objeto de pesquisa e quem melhor do que eu para descrever isso? Com os artigos que foram discutidos em sala, com o apoio do professor e sua estagiária, percebo que estou mais autônoma nesta fase e também busco não plagiar os autores que leio, todavia, parafrasear.

Contudo, os escritos também mostraram que todo mundo começa imitando alguém e ao longo do tempo vamos adquirindo a habilidade de escrever com mais originalidade, se é que esta existe. Para escrever e produzir, você precisa, anteriormente, ler para obter um embasamento, no entanto, acredito que plágio seja cola, somente a reprodução do que se leu, e parafrasear configura quando você cita um autor, porém, coloca o seu estilo e sua opinião no que escreve.

No começo desse processo de escrita, eu seguia uma linha mais positivista, impessoal, argumentativa, não obstante, sem expor minha opinião em nenhum momento.

Agora, percebo minha evolução neste quesito, não que esta forma de escrever seja incorreta, todavia, a disciplina apresentou técnicas para chamar a atenção do leitor, nas quais vejo o quão se faz necessário evidenciar nossas percepções quando necessárias.

Também aprendi que devemos escrever pensando no leitor e saber o que é interessante, importante e agradável de ler, para nos aproximar do público em questão.

Em vista disso, este trabalho, assim como a disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica, me fizeram crescer como escritora, além de proporcionar momentos de reflexão para qual tipo de educadora almejo ser e se estou desempenhando meu papel na sociedade.

Não falando de um modo clichê, sem embargo, aprendi tantas coisas que não sabia anteriormente e reaprendi elementos que eu observava apenas de uma perspectiva, compreendendo todo o processo de desconstrução e reconstrução do conhecimento, em que não há um único caminho considerado, totalmente, correto.

Todos os anos procuramos mudanças em vários aspectos da vida, contudo, somos vencidos pelos nossos medos e preferimos as gaiolas, lugar onde habitam as comodidades, e aquelas mudanças tão sonhadas caem no esquecimento.

Como licencianda em Matemática, posso afirmar que o ato de ler e escrever não são hábitos de um curso de Ciências Exatas. Ao ingressar no Instituto, no primeiro período me deparei com quatro disciplinas pedagógicas e apesar de suas devidas importâncias para minha formação, não conseguia, naquele período, compreender em que momentos tais ensinamentos serviriam para minha formação docente, encarando-as apenas como requisitos para obtenção de nota.

Com o passar do curso e, principalmente, após o Estágio Docência, fui reconhecendo na prática a relevância de tudo o que aprendemos ao longo da academia.

Por esse ângulo, a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica foi um divisor de águas para o meu processo de escrita, uma vez que durante a graduação sempre foi imposto uma linha de pensamento positivista, que buscássemos a impessoalidade e não expuséssemos nossas opiniões.

Durante as socializações em sala de aula, com mediação do docente orientador, este paradigma foi quebrado, nos mostrando uma nova linha de pensamento, cedendo espaço à pessoalidade, questionamentos sistemáticos, discussões acerca da pesquisa e reflexões de como nos sentimos na condição de professores pesquisadores em formação.

No início foi uma tarefa árdua, devido ao velho costume de escrita – quase inexistente - e posicionamento, todavia, o professor-orientador nos guiou durante este período, desmistificando padrões e mostrando que é possível despertar a pesquisa científica no acadêmico longe do modelo tradicional.

Nesse contexto, trabalhamos com o ato de pesquisa utilizando a autobiografia como metodologia, na qual nossa vida acadêmica se tornou o objeto de pesquisa, de modo que narramos nosso relacionamento com a pesquisa desde o Ensino Fundamental.

Parece fácil nos descrever, contar nossa história, contudo, é um pouco embaraçoso relatar momentos de nossas vidas e saber como contá-los de maneira a vidrar o leitor. O processo de resgatar momentos adormecidos em nosso subconsciente foi mágico, visto que despertou memórias de nossa infância e juventude, e nos fez refletir como tais momentos influenciaram a nossa atual postura profissional, aliás, tudo o que fizemos, vivemos e escolhemos foi essencial para a consolidação do novo eu.

Também posso afirmar que esta experiência transformou minha linha de pensamento, o modo de escrever e dialogar com o leitor. Ao longo da disciplina, trabalhamos com muitos artigos que nos ajudaram a praticar a empatia ao escrever, de maneira que agora preparo um material pensando no leitor, se o que estou produzindo tem importância, se prenderei a atenção de quem está lendo e como minhas palavras farão diferença na vida do meu público.

Estes ensinamentos foram aplicados, diretamente, no meu Trabalho de Conclusão de Curso, em todas as partes fui deixando minha marca, levantando discussões com argumentos sólidos e provocando reflexões para os leitores.

Dessa maneira, por meio da autobiografia refleti sobre minha postura como professora em formação e no que estou fazendo para melhorar. Ser professor

pesquisador transcende um simples ato de pesquisa, considerando o profissional que se inquieta, questiona e busca soluções para seus problemas, objetivando contribuir para o conhecimento e realidade de seus alunos e comunidade em geral.

Em conclusão, retomando e finalizando a discussão inicial, sei o quanto é difícil nos desprendermos e mudarmos, no entanto, **somente aqueles que estão dispostos a sair da sua zona de conforto mergulham no desejo de aprender, de se desconstruir e reconstruir**, ademais, não há um único caminho considerado correto para aprender.

Em vista disso, este trabalho, assim como a disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica, colaboraram para o meu **crescimento como escritora, além de proporcionarem momentos de reflexão para qual tipo de educadora almejo me tornar e o que estou fazendo para ser protagonista da minha história.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZAGA, Amarildo Menezes. **Reflexões sobre o ensino de ciências**. Curitiba: CRV, 2013.

LE MOS, Caioá Geraiges de. **Adolescência e escolha da profissão**. São Paulo: Vetor, 2001.

PALACIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia Evolutiva I**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 252-267.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo. Cortez Editora. 2004.

Pinho, A. P. M. *et al.* **A transição do ensino médio para a universidade**: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais. Revista De Psicologia, Fortaleza, v. 6, n.1, p. 33-47, 2015. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1691>

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

Breve Análise...

A escrita de Izabel apresenta um desenvolvimento de início, meio e fim mediada por embasamentos teóricos que suportam seus argumentos. Podemos

indagar se essa é uma herança positivista ou é a prática da ação da pesquisa delineando um perfil narrativo.

A autora alinhava o conhecimento de si para e por meio da (des)(re)construção de si, levando o leitor a peremptoriamente considerar a proposta da pesquisa-formação que utiliza a (auto)biografia como método.

A visão de si pelas lentes do passado revisto e revisitado traz a problematização da construção do cidadão a partir da escola, aproximando-nos da perspectiva durkheimiana: o aluno deve ir à escola por um propósito que é o de construir-se socialmente para si e para a devolutiva aos pais pela afetividade e pelo investimento.

Nos empurrando a ponderar o desenvolvimento da consciência de si, da maturação do ser inserido no contexto escolar e nele atuando, já que Izabel defende seja o aluno ativo no seu processo de aprendizagem, não apenas dos conteúdos, mas deste ser social.

O pensamento do ser social discente não é como em Alisson apenas vinculado ao propósito do mundo ou do mercado do trabalho, nem é estritamente dialético-marxista como em Lorena, não está nu à emotividade como em Alana ou atende à construção do conhecimento científico puramente como em André.

Porém deve se ampliar consciencialmente por todas estas dimensões, expondo seus leitores talvez uma perplexidade do que seja entre o ideal e o real estado discente.

Não estanca nessa responsabilidade que nos pomos a considerar sobre quantos de seus pares expandem essa discussão de si para a própria formação, mas provoca outros agentes: professores em formação, professores em fim de carreira (para fazer uso do termo utilizado pela autora), pais/responsáveis, o Estado em suas políticas de igualdade ou equidade para a Educação, desafiado pelas duas faces da moeda da Educação (Pública e Privada); então, devolve a narrativa para o ser social agora passivo sob a ação desses atores.

Inquieta, ela devolve ao discente-professor em formação inicial (licenciando, que aqui esmiuçamos para acertar a modulação dada pela autora) sua responsabilidade ativa em relação ao contexto, ao entorno, aos outros atores e incita ao protagonismo, conclamando a si como potencialidade de (vir a) ser aquilo que

acredita, tornando-se sujeito e objeto de sua pesquisa em Educação, tornando-se qualitativa, revelando-se na eu-lírica, autora, protagonista, do seu processo formativo via pesquisa-formação.

Outros argumentos são evidenciados pela síntese que aqui é a ressignificação problematizada, refletida, pautada, pausada, andante a cada aula, a cada evolução do texto que apresenta seu crescimento como a própria análise da metodologia adotada, eclodindo na proposta deste trabalho: a (auto)biografia como via formativa e de pesquisa inclusive para os futuros docentes de áreas figuradas como distantes da produção textual narrativa.

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves

A proposta da pesquisa-formação efetivada por meio da ministração de aulas da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 1, no curso de licenciatura em Matemática (para alunos não só da Matemática, mas de outras ciências exatas e biológicas), configurou-se como momentos de sistematização e construção de saberes e conhecimentos, em parte materializados em *papers* aqui organizados.

Essa prática ficou marcada por espaços de problematização com base em leituras de mundo e enciclopédicas, discussões, construção de referenciais e reflexão autobiográfica, ensejando respostas aos objetivos propostos – sobre o que se pode comentar:

1. *Refletir a respeito da relação complementar pesquisa-prática pedagógica, como referencial norteador na formação do professor pesquisador*

Essa reflexão se faz presente em todas as narrativas dos participantes. Isso aponta para como os elementos da experiência discente conduziu/alinhavou percursos para a formação na área de Ensino-Educação, em particular quando os autores reconhecem os eventos constituintes para esse desfecho.

2. *Conhecer os fundamentos caracterizadores da pedagogia como ciência*

A busca de referencial teórico ou do embasamento a partir das vivências e experiências dos docentes que lhe precederam, identifica por meio de fatos e fatores (positivos e negativos) as contribuições que construíram para esses autores a percepção da pedagogia como ciência, como se pode constatar nas narrativas.

3. *Diferenciar as correntes de pensamento no processo de consolidação do método em investigações no ensino de ciências*

Apesar de não estar explícito em todos os textos, a descrição do processo de construção dessa pesquisa-formação é perceptível nas narrativas, como o choque e

o distanciamento ocorrido a partir da abordagem quantitativa (mais próxima das ciências exatas), assim como a trajetória de (re)criação de si como autor e com a construção do percurso na abordagem qualitativa.

4. *Conhecer possibilidades de percursos investigativos na interface ensino de ciências-educação em ciências*

A compreensão de que a pesquisa quantitativa não é a única via investigativa como método acadêmico-científico para construção do conhecimento e elaboração de estratégias para e na prática pedagógica é evidenciada nos textos em diversos momentos, inclusive com a perplexidade inicial dos autores quanto à perspectiva qualitativa e seus desdobramentos, proporcionando olhar o alunado, a escola, o entorno, o contexto social onde se inserem com uma sensibilidade mais humanizada e processual, sistêmica.

Algo que não é facilmente obtido por vias quantitativas, indiciando que a pesquisa qualitativa é uma abordagem capaz de esclarecer os fenômenos escolares e educacionais de maneira mais apropriada em pormenores que não poderiam ser tão facilmente evidenciados/valorizados por outras perspectivas.

Dito isso, encerramos de uma forma que foge um pouco ao padrão, pois escolhemos ir além das formas convencionais para fechar esse “capítulo” da construção pedagógica-científica experienciada no IFAM.

Assim, não sejam nossas palavras finais compreendidas como a elucidação das respostas encontradas ante os objetivos propostos; ao contrário, sejam elas um convite ao leitor para a releitura das narrativas dos licenciandos a partir das considerações postas ao cabo de cada um dos textos/capítulos, para daí novamente olhar esses textos com a empatia que pode acessar a autoria e a autobiografia em cada um de nós, pelas experiências recontadas por nosso ideário pessoal e nos encontrarmos (ou não) entre essas vidas e suas histórias.

OBRAS CONSULTADAS

BARBOSA, Irecê dos Santos; NEVES, Aline Cristina Oliveira das. A Produção científica dos estudantes de pós graduação: a difícil arte de escrever com simplicidade. In: TERÁN, Augusto Fachín; SANTOS, Saulo Cesar Seiffert (Orgs.). **Temas sobre ensino de ciência em espaços não formais: avanços e perspectivas**. Manaus: UEA Edições, 2016, v. 1, p. 211-222.

BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Maria Cecília C.C. de. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v.4, n. 1,2, p.299-318, 1993.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Perspectiva narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v.17, n.51, p.523-740, set.-dez., 2012.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O Dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O Jardineiro que tinha fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GONÇALVES, Carmen. **Um Estudo em Irecê Barbosa**: as contribuições pedagógicas em “O Leilão”. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) - Campus Manaus Centro, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2020.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **AION estudos sobre o simbolismo do si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica**: primeira conferência. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, Carl Gustav. **La Psicología de la transferencia**: esclarecida por medio de una serie de imágenes de la alquimia. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1983.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da personalidade**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Emma. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

LYOTARD, J.-F. **A Fenomenologia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

McADAMS, Dan P.; McLEAN, Kate C. Narrative Identity. In: McADAMS, Dan P.; McLEAN, Kate C. **Current Directions in Psychological Science**. Washington: Sage Publications, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINEAU, Gaston. As Histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p.329-343, maio-ago.2006.

SAIANI, Cláudio. **Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno**. 3.ed. São Paulo: Ingraf, 2000.

SALMAN, Sherry. A Psique criativa: as principais contribuições de Jung. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.69-84.

SILVA, R. de F. e. A “Escuta-sensível” como mediação na construção de narrativas (auto)biográficas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2., 2006, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006. 7 p. Disponível em: http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2009182057cc85141928134792edac87/A_escuta_sensvel.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

SMITH, Emily Esfahani. **O Poder do sentido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SOUZA, E. C. de; MEIRELES, M. M. de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **REEDUC**, v.15, n.39, p.282-303, 2018. DOI: 10.5935/2238-1279.20180034. Acesso em: 27 jul. 2020.

VON FRANZ, Marie-Louise; HILLMAN, James. **A Tipologia de Jung: ensaios sobre psicologia analítica**. ed. 2. São Paulo: Cultrix, 2016.

Para conhecer mais desse gênero de pesquisa-formação, seguem sugestões:

LEITURAS RECOMENDADAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANDRÉ, Marly. **O Papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2004.

AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins. **Formação inicial de professores de ciências: contribuições do estágio com pesquisa para a educação científica**. 2014. 383 f. Tese de Educação em Ciências e Matemática (Universidade Federal do Mato Grosso). Cuiabá: REAMEC/UEA, 2014.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução Rubens R. T. Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 239- 240. (Obras Escolhidas, v. II).

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, v. 28. n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CHAVES, S. N.; BRITO, M. dos R. de (Orgs). **Formação e Docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. Belém: CEJUP, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, P.P.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs.) **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUBNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo projeto. Tradução: Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver; NARDI, Roberto. Ocorrência de pesquisas narrativas sobre formação de Professores de Ciências e Matemática no Brasil, de 2000 a 2010. **Indagatio Didactica**, vol. 5(2), outubro 2013.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2010.

LARROSA, J. (org). **Déjame que te cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Ed.**, 19, 2002. p.20-28.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista de Pesquisa Histórica**. São Paulo, 10,1-178, 1993.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de. **(Des)teço-me ao professorar**: entre linhas formativas e trapilhos da educação em ciências. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade do Estado do Amazonas, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Manaus, 2020.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. p. 103 – 130.

PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, M.H.M.B.; DELORY-MOMBERGER, C. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In: PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo II. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDUPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2012.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. 2 ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

PINEAU, Gaston. Experiências de aprendizagem e história de vida. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR, Pierre. **Tratado das ciências e das técnicas da formação**. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p. 9 – 539. (Coleção horizontes pedagógicos).

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões e superações. Campinas/SP: Editora Alínea, 2007. p. 45-60.

SOUZA, E. C. Acompanhar e formar – mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores. In: PASSEGGI, M. C; SILVA, V. B. D. (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 157-180.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador/BA: UNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu C. de. A vida com as histórias de vidas: apontamentos sobre a pesquisa e formação. EGGERT, Edla; TRAVERSINI, Clarice; PERES, Eliane e BONIM, Iara (Orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: didática e formação de professores. Porto Alegre: EDIPURS, 2008, p. 135 – 154.

SUÁREZ, Daniel H. A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa-ação-formação de docentes. In: PASSEGGI, Maria da

Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulos, 2008. p. 103-122.

TREVISAN, Andreia Cristina Rodrigues; PALMA, Rute Cristina Domingos da. A pesquisa narrativa e (auto) biográfica e a investigação sobre a formação de professores de ciências e matemática. **Rev. ARETÉ**. Manaus. v.9. n.18. p.229-243. 2016.

VICENTINI, P.P.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs.) **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ZABALZA, Miguel A. **O Ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 1990.